

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

AYRLA ETHIENE BARROS LIMA

A Educação indígena e o livro didático na Escola Estadual Indígena Juvino
Henrique da Silva, Pariconha, Alagoas

Delmiro Gouveia
2023

AYRLA ETHIENE BARROS LIMA

**A Educação indígena e o livro didático na Escola Estadual Indígena Juvino
Henrique da Silva, Pariconha, Alagoas**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão,
como parte das exigências para a obtenção do título
de pedagoga do Curso de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Taciane Figueiredo

Delmiro Gouveia - AL
2023

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

L732e Lima, Ayrila Ethiene Barros

A educação indígena e o livro didático na Escola Estadual Indígena Juvino Henrique da Silva, Pariconha, Alagoas / Ayrila Ethiene Barros Lima. – 2023.

59 f. : il.

Orientação: Carla Taciane Figueiredo.

Monografia (Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas.
Curso de Pedagogia. Delmiro Gouveia, 2023.

1. Educação escolar indígena. 2. Livro didático. 3. Ensino e aprendizagem. 4. Ensino médio. 5. Identidade. 6. Cultura. 7. Comunidade Indígena Katokinn, 8. Pariconha – Alagoas. I. Figueiredo, Carla Taciane. II. Título.

CDU: 37(=1-82)

FOLHA DE APROVAÇÃO

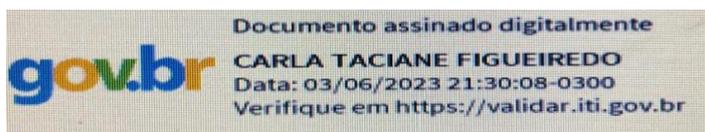
AYRLA ETHIENE BARROS LIMA

A Educação indígena e o livro didático na Escola Estadual Indígena Juvino Henrique da Silva, Pariconha, Alagoas

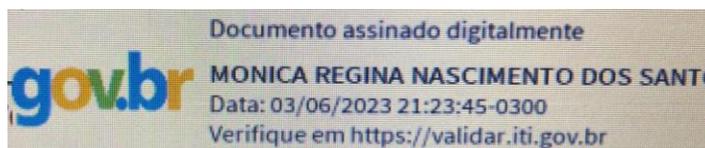
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, como parte das exigências para a obtenção do título de pedagoga do Curso de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em 02/06/2023.

Banca Examinadora:

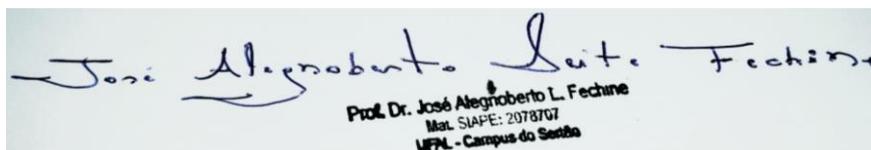


Orientadora: Profa. Dra. Carla Taciane Figueiredo



Examinador (a) interna:

Profa. Dra. Mônica Regina Nascimento dos Santos



Examinador (a) externa:
Prof. Dr. Jose Alegn Roberto Fecchine

Dedico este trabalho
Aos povos originários deste país, os reais
protagonistas da construção do que somos hoje.
Consagro esta monografia a minha Mãe do céu
Nossa Senhora de Guadalupe

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me capacitar constantemente para vencer cada desafio que encontrei durante esse período.

Estendo meus agradecimentos e gratidão à minha orientadora Carla Taciane Figueiredo, pela confiança, conselhos e valiosas contribuições.

A minha família, mãe Alexandra Maria de Barros pela paciência e o olhar atento aos meus momentos durante esse tempo, por me mostrar o valor e o respeito pela profissão de educador, sendo meu melhor exemplo de mulher, guerreira, profissional, uma grande Professora.

Aos meus irmãos Ana Fabiana e Abílio Neto pelas conversas e brincadeiras e todo amor que me ajudaram a aliviar a pressão/ ansiedade e por entenderem minha ausência e estresse pelas noites mal dormidas.

Ao meu querido José Aparecido (Brito), que com seu lindo coração me proporcionou momentos encorajadores, durante conversas me mostrando que sou capaz, assim deixo aqui registrado meu carinho e admiração.

Ao meu padrinho Cléber Júnior pela motivação e incentivo durante a pesquisa, mostrando que sempre podemos continuar e lutar por nossas causas, luta e resistência são caminhos para o êxito.

As minhas amigas e irmãs que a Universidade me presenteou, Carina Mergulhão, Mariana Nathália, Renata Paulino grandes companheiras de curso, estágio e vida. Agradeço o apoio e a amizade durante esses anos de graduação entre trabalhos, provas, seminários, projetos e partilhas, pelo acolhimento e afago, risadas e puxões de orelha.

A minha amiga Juliana Cordeiro mesmo na distância permaneceu presente para me apoiar e incentivar a ser melhor e perseverar, por todo carinho e conselhos, gratidão.

Aos funcionários da UFAL, desde os da limpeza (copeiros) ao administrativo, assim como professores que ao longo dessa caminhada contribuíram para minha formação e minha gratidão.

A minha aldeia Katokinn em especial a Cacique Nina (em memória), que sempre foi uma força da natureza, um grande exemplo de força a mulher que representou a voz da mulher indígena, sem seu apoio direto e indireto não poderia ter permanecido n

a graduação e ter chegado até aqui, tendo o prazer de representar minha aldeia através deste trabalho; deixo aqui registrado todo meu orgulho e admiração.

Aos povos originários, meus parentes espalhados por esse país, gratidão pela herança, tradição, força e luta. Que as forças encantadas guiem seus/nossos caminhos.

A cada criança que colaborou, durante os estágios, deixo o meu agradecimento especial, pois sem a presença de cada um nada disso teria sentido, em um breve momento tê-los como aluno (a), pois a cada olhar, a cada “tia posso ir...?” “Olha o meu!” “Terminei primeiro!” “Tia, saí do meio!” “Vamos prestar atenção agora!”, foram me moldando e forjando uma profissional melhor, mais solidária, compreensiva, amiga e competente. Obrigada crianças, queridos alunos (a), por me fazerem lembrar que somos eternas crianças e que sempre devemos estar dispostos a aprender.

Por fim, e não menos importante, agradeço a mim mesma por não ter desistido, por não ceder às crises de ansiedade, cansaço psicológico e físico. Sinto-me satisfeita por ter cumprido essa etapa acadêmica e assim provar a mim mesma que sou capaz. Guardo dentro desse corpo franzino uma força que eu mesma não imaginava, mesmo com os olhares de negação de pessoas que imaginavam que não daria conta do trabalho, creio que minha força de vontade e bastante criatividade consegui cumprir com o que imaginava. Por todas as vezes que me senti sozinha, desnorteada e Deus enviou seus anjos que me mostravam a direção e proteção. GRATIDÃO!

É justo que muito custe o que muito vale.
(Santa Teresa D'Ávila)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é refletir sobre a educação indígena e a utilização do livro didático nos anos iniciais. Fundamentou-se em uma análise teórica dos documentos norteadores da educação, metodologicamente na observação participante e na pesquisa qualitativa e bibliográfica. O estudo contribuiu com debates sobre a construção da educação escolar indígena e a produção de novos materiais e recursos que propiciem auxílio na construção indenitária dos indígenas, essencial na sociedade. Percebendo como principais agentes da relação de ensino-aprendizagem os professores e alunos indígenas da comunidade Indígena Katokinn, sempre buscam a valorização da sua cultura através da educação. À reflexão dos conceitos do ensino diferenciado é perceptível, quando empregados nas práticas pedagógicas, a diferença cultural entre a educação básica da cidade de Pariconha e a educação dentro da aldeia, nos remete a importância na formação, valorização da cultura através do ensino. Como resultado, a pesquisa aponta para a necessidade de inovação metodológica organizações de técnicas de ensino que compreendam a peculiaridade do saber indígena e por políticas públicas para a educação indígena. Pressupostos essenciais na relação ensino-aprendizagem e inserção da realidade dos alunos indígenas e sua valorização enquanto sujeito social e cultural dentro e fora da escola.

Palavras-chave: Livro Didático; Representação; Cultura, Ensino-aprendizagem; Educação Escolar Indígena.

ABSTRACT

The objective of this work is to reflect on indigenous education and the use of textbooks in the early years. It was based on a theoretical analysis of the guiding documents of education, methodologically on participant observation and on qualitative and bibliographical research. The study contributed to debates on the construction of indigenous school education and the production of new materials and resources that help build indigenous identity, which is essential in society. Perceiving indigenous teachers and students from the Katokinn Indigenous community as the main agents of the teaching-learning relationship, they always seek to value their culture through education. Reflecting on the concepts of differentiated teaching, it is noticeable, when used in pedagogical practices, the cultural difference between basic education in the city of Pariconha and education within the village, which reminds us of the importance of training, valuing culture through teaching. As a result, the research points to the need for methodological innovation, organizations of teaching techniques that understand the peculiarity of indigenous knowledge, and finally, public policies for indigenous education. Essential assumptions in the teaching-learning relationship and insertion of the reality of indigenous students and their appreciation as a social and cultural subject inside and outside the school.

Keywords: Textbook; Representation; Culture, Teaching-learning; Indigenous School Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa da localização da cidade de Pariconha/AL.....	11
Figura 2 - Mapa das Etnias Indígenas Reterritorializadas do sertão alagoano.....	12
Figura 3 - Aula de educação física no terreiro indígena na aldeia Katokinn, Pariconha.....	25
Figura 4 - Terreiro da aldeia Katokinn, Pariconha.....	26
Figura 5 - Atividade corrida com o cesto aldeia Katokinn, Pariconha.....	27
Figura 6 - Material utilizado para aula: cestos, cordas e cones.....	28
Figura 7 - Atividade corrida com o cesto aldeia Katokinn, Pariconha	29
Figura 8 - Livro produzido pelo professor “O conto do Nego d 'água".....	30
Figura 9 - Estante com livros, revistas e portfólios usados na pela escola.....	32
Figura 10 - Projeto literário com as turmas pré I, 2º e 3º ano fundamental.....	33
Figura 11 - Resultados do portfólio do pré I.....	34
Figura 12 - Resultados do portfólio do pré I - Representação das ervas medicinais	34
Figura 13 - Resultados do portfólio do pré I - Representação dos praiás	35
Figura 14 - Resultados do portfólio do pré I - Representação do maracá.....	36
Figura 15- Livro didático em seu interior com texto e imagens.....	40
Figura 16- Livro didático em seu interior.....	41
Figura 17 - Livros didáticos para educação escolar indígena.....	45

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Tópicos da análise do livro didático de História.....	38
--	----

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	9
2 – PERSPECTIVAS HISTÓRICAS NA EDUCAÇÃO INDÍGENA NO BRASIL	15
2.1 Educação Indígena na aldeia Katokinn em Pariconha Alagoas	18
2.2 O papel do professor no ambiente escolar indígena	20
2.3 Desafios do ensino diferenciado	23
3 – O LIVRO DIDÁTICO NA ESCOLA INDÍGENA	30
3.1 A utilização do livro didático pelo professor	32
3.2 Análise do livro didático	37
3.3 Livro didático Indígena ideal	42
3.4 Entrevista na Escola Estadual Indígena Juvino Henrique da Silva	46
4 – CONSIDERAÇÕES GERAIS DO TRABALHO ACADÊMICO	51
REFERÊNCIAS	53

1 – INTRODUÇÃO

Esta pesquisa investiga o uso dos recursos didáticos, neste caso específico os livros didáticos utilizados no processo de escolarização nos anos iniciais na educação indígena. Está fundamentada nas experiências e vivências na comunidade indígena do povo Katokinn, localizada no município de Pariconha – Alagoas, que descende da etnia Pankararu. Analisa ainda, os processos de escolha, produção e utilização dos recursos didáticos (o livro) pelos professores nas turmas das séries iniciais.

A aldeia Katokinn está localizada no Alto Sertão Alagoano, devido ao desenvolvimento urbano permanecendo dentro da cidade caracterizando-se como uma aldeia “urbanizada”. Essa proximidade espacial possibilita a presença de parte estrutural da cidade no entorno da aldeia, entretanto, os indígenas não perderam suas heranças e a confiança nas divindades, seus valores culturais, mantendo assim seus rituais, festividades e características dos antepassados tendo como Pagé Arvilino (*em memória*) e a Cacique Maria das Graças conhecida como (Nina) (*em memória*), que eram exemplos, vistos pela comunidade como símbolos de resistência, persistência na luta pelos direitos dos povos indígenas e membros fundamentais para a estruturação da escola.

O reflexo de anos de trabalho foi a construção de uma escola indígena que desenvolve um ensino contextualizado e norteado pelos aspectos culturais do povo Katokinn, respeitando as datas comemorativas da aldeia como por exemplo Menino do rancho, Corrida do cansaço, O Ritual do Rei dos Peixes e a Corrida do Umbu entre outras festas e rituais desta aldeia.

Por todos os argumentos já listado é notória a necessidade de uma pesquisa comparativa, qualitativa para compreender os métodos de ensino e utilização de materiais didáticos para as aulas. A observação participante demonstrou a presença de jogos e brincadeira, utilização de objetos do cotidiano, os recursos disponibilizados pela escola, dentre eles o livro didático, são base para as técnicas de ensino, complementado por outras formas de trabalho, criatividade do professor, habilidades de seleção de conteúdos e mobilização de saberes e fazeres pedagógicos, além do perfil profissional do docente, pois o trabalho do professor dentro das aldeias, tem uma lógica própria.

Segundo FACHIN (2001), método é um instrumento do conhecimento que proporciona aos pesquisadores, em qualquer área de sua formação, orientação geral que facilita planejar uma

pesquisa, formular hipóteses, coordenar investigações, realizar experiências e interpretar os resultados.

Com o objetivo de compreender os processos de ensino no ambiente escolar indígena através da utilização do livro didático, sendo recurso auxiliador no ensino-aprendizado, o estudo nesta pesquisa da observação do participante permitiu identificar características na inter-relação e aprendizagem durante a fase inicial da educação infantil, período importante de inclusão e fundamental no trabalho escolar, importantes no auxílio e a auto aceitação da cultura indígena já na primeira infância. Instrumentos, estes essenciais no processo de resistência e afirmação sociohistórica na cidade desde a primeira infância, neste ínterim o espaço pedagógico, os instrumentos de ensino, as técnicas e recursos didáticos como o livro didáticos, são importantes na formação social dos indígenas.

As análises coletadas contribuíram com informações sobre como o espaço escolar reverbera na interação, humanização dos processos de ensino e aprendizagem como também socialização dos conhecimentos culturais dentro do ambiente escolar, assim como as relações socioculturais que são repercutidas por materiais didáticos. Compreendendo as especificidades do objeto, objetivos e problemas da pesquisa, adotou-se, portanto, uma abordagem de revisão bibliográfica, a partir da consulta a livros e artigos científicos.

No decorrer da investigação procurou-se o diálogo com autores na área da educação, que contribuem teoricamente sobre temas do acompanhamento pedagógico indígena, da formação do pedagogo e dos saberes indígenas assim como os benefícios cognitivos, afetivos, psicológicos e sociais.

A educação indígena deve proporcionar ao educando compreender o seu cotidiano e as relações que surge no âmbito de construções sócio históricas, para tal o (a) docente deve utilizar como recursos didáticos livros, gravações, fotos, que sejam representativos para compreender. Por exemplo, o que se constitui sócio historicamente sobre o ser/viver indígena e quais as implicações indenitárias contemporâneas os métodos e materiais didáticos mobilizados devem estar permeados por tais preocupações.

A função do pedagogo na escola também importa de forma que pensar na formação desse profissional para a educação indígena, deve-se assumir uma perspectiva formativa multidisciplinar, na qual haja a mobilização formativa de diferentes áreas do conhecimento o que deverá proporcionar por consequência positiva o contato com a diversidade de ensino, metodologias, recursos e avaliações. Há de se salientar que a formação do docente indígena

deve perpassar, também, estabelecimento de vínculos sócio afetivos, reconhecimento do outro, relações acolhedoras e motivadoras para novos processos de aprendizagem nesse contexto situação de ensino.

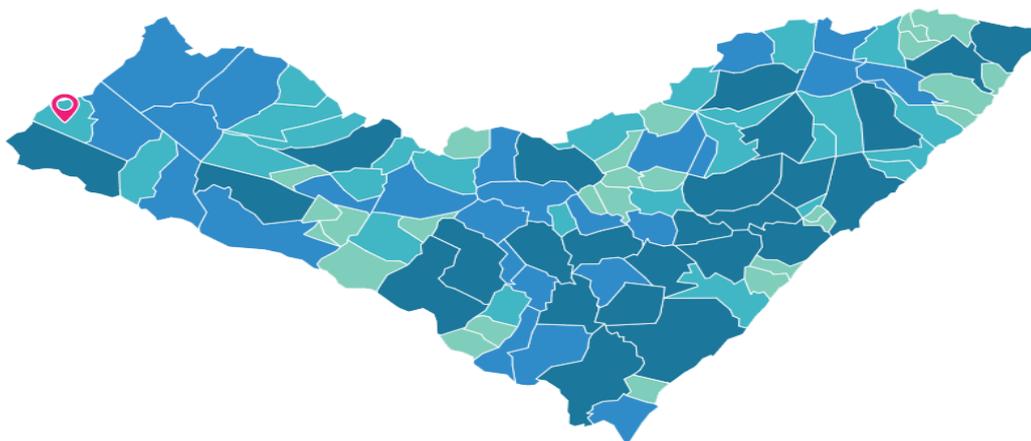
Dado o exposto, há a necessidade de fomento a contribuição dos professores que são indígenas e possuem o local de fala e a experiência vivida para pensar as relações étnico-raciais e indenitárias estabelecidas em uma educação contextualizada para os povos originários.

Da mesma forma é relevante que os estados brasileiros, em seus diferentes níveis de federação, valorizem os docentes indígenas que já atuam na educação para os povos originários, pois a tendência é que o processo de ensino-aprendizagem se caracterize pelo respeito à cultura e a tradição, propiciando então um sistema de ensino com relações próximas.

A área da pedagogia indígena ainda é pouco difundida no meio social, acadêmico científico, por ser subestimada, com escassas produções acadêmicas no Brasil, sobretudo no que tange a necessidade de profissionais que atuem com a referida área de conhecimento. Neste sentido, há uma profunda lacuna para a produção de conhecimento, nos diferentes gêneros discursivos, esferas e níveis acadêmicos, para que a área ganhe maior espessura e densidade, o que permitirá a construção e sistematização de um discurso coerente e consistente, o que permitirá, de forma profícua, a disseminação da educação indígena.

Dados tais aspectos formativos, docentes e metodológicos, a pesquisa aqui desenvolvida é de cunho qualitativo, bibliográfico e comparativo e ocorre no contexto da escola José Carapina, localizada no município de Pariconha/AL, estado de Alagoas, conforme ilustração a seguir:

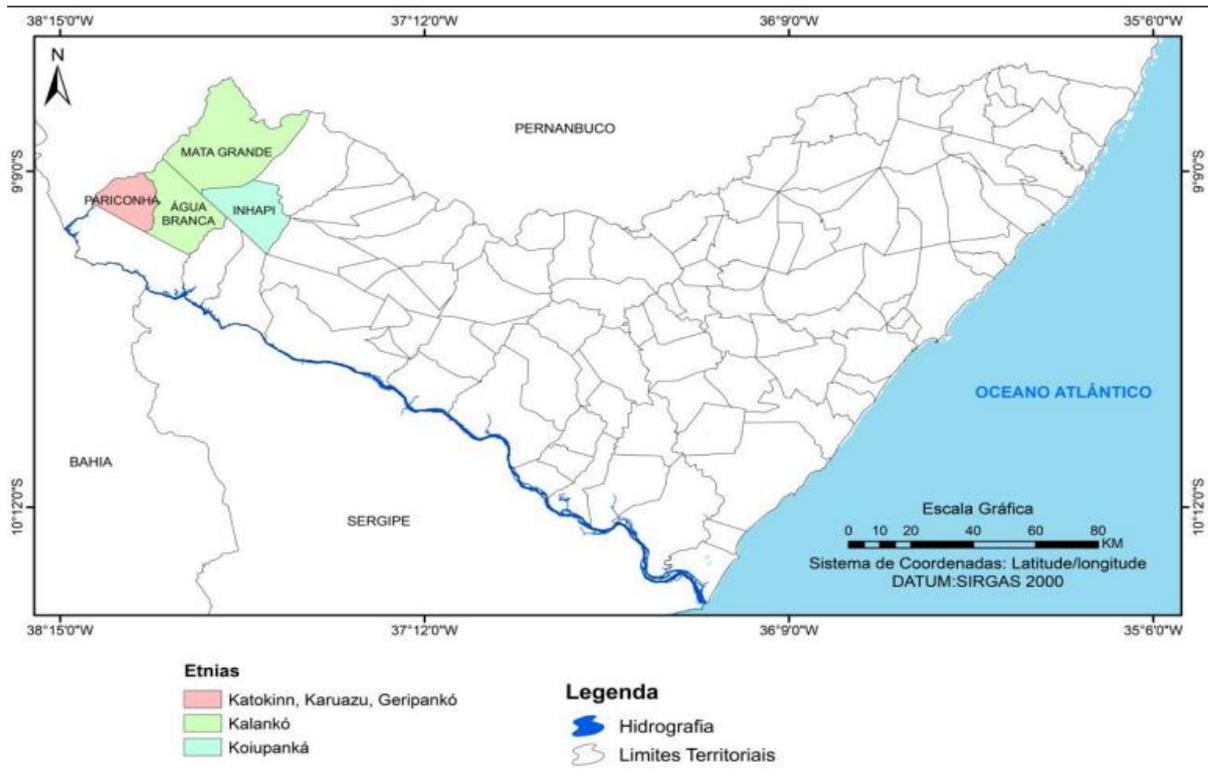
Figura 1 - Mapa do Estado de Alagoas – localização da cidade de Pariconha/AL



Fonte: Prefeitura Municipal de Pariconha

A aldeia Katokinn está situada no contexto das Etnias Indígenas Reterritorializadas do Alto Sertão de Alagoas, conforme pode-se observar no mapa a seguir:

Figura 2 - Mapa de Localização das Etnias Indígenas Reterritorializadas no Alto Sertão Alagoano.



Fonte: Oliveira, 2018.

Por meio dos mapas é observada a localização geográfica no Alto Sertão Alagoano onde estão presentes as comunidades: Katokinn, Karuazu, Geripankó, Kalankó e Koiupanká que são ativas e reconhecidas. O território indígena está ligado às questões simbólicas produzidas em seu espaço ao longo da história (LIRA, 2005).

As zonas de reterritorialização foram concebidas com objetivos específicos e consideram também ou deveriam considerar a diversidade dos povos indígenas e as especificidades culturais. Desta forma, as escolas indígenas devem seguir também os pressupostos de instituição das zonas de reterritorialização especialmente no que diz respeito à organização educacional formal e construção de um currículo e práticas pedagógicas que atendam as complexidades sociais, históricas e educacionais em uma comunidade indígena.

A escolha do tema em questão e do local da pesquisa se deu pelo fato de que muitas crianças e adolescentes que perdem conteúdos escolares, quando se encontram em um ambiente não significativo, onde não se sintam representados que valorizem sua história e cultura; observa-se que há certo julgamento e ainda a falta de conhecimento e respeito das tradições; por exemplo, o educando falta pois irá participar de um ritual de passagem, isso em algumas escolas urbanas não é compreendido.

Outro aspecto que me inquietou para a produção desta investigação foi a minha posição-de-sujeito de mulher, pedagoga e indígena. Pois o trabalho do pedagogo (a) na escola inserida na aldeia indígena é de grande importância para a sociedade, na formação e desenvolvimento intelectual do indivíduo que conta com relação mútua e troca de saberes.

Segundo Moreira e Candau (2007) o papel do educador no processo curricular é, sim, fundamental. Ele é um dos grandes artífices, queira ou não, da construção dos currículos que se materializam nas escolas, sobretudo, quando pensamos na construção de uma educação contextualizada.

Dado o exposto, os questionamentos como os conhecimentos específicos da educação indígena estão sendo trabalhados em livros didáticos utilizados na escola? Quais livros estão sendo utilizados para montagem das aulas? Estes livros têm representação social? Quais critérios são usados na sua escolha? Tem um livro específico para todos os indígenas? Esses questionamentos norteiam a pesquisa.

Assim, esta pesquisa bibliográfica e comparativa objetivou de forma geral: compreender as formas do ensino da educação indígena na escola estadual Katokinn com objetivo em específico, a) analisar livros didáticos utilizados na educação indígena escolar; b) refletir sobre as dificuldades encontradas pelos docentes da referida escola; c) comparar diferentes livros didáticos; d) refletir como os livros didáticos participam do processo de ensino e aprendizagem em turmas da escola pública da aldeia.

Dado o exposto, a pesquisa também objetivou observar os modos de utilização e aquisição dos livros, sendo relevante destacar que o desenvolvimento e aprendizagem das crianças que fazem uso dos livros dentro do espaço escolar indígena, precisa atender, segundo a legislação da Educação Básica, o currículo escolar, observando a singularidade da identidade indígena.

O trabalho discute, inicialmente, o percurso desta área educacional no Brasil, as leis que garantem essa assistência à educação para todos, as relações entre pedagogos (as) e as crianças indígenas, a formação do (a) pedagogo (a), bem como as suas contribuições no

ambiente escolar e através de práticas pedagógicas. Posteriormente realizo as análises dos materiais didáticos e prossigo para as considerações finais.

2 – PERSPECTIVAS HISTÓRICAS NA EDUCAÇÃO INDÍGENA NO BRASIL

Pela história do país podemos entender como se originou a educação dos povos originários indígenas e como ela se encontra atualmente. Podemos observar as questões por meio de diversos pontos de vista, a forma que é difundida pela necessidade de ensinar os indígenas, o processo de formalizar e socialização perante a sociedade que ouvimos durante nossa formação escolar, a partir da ideia da educação indígena.

Assim, é necessário distinguir os processos tradicionais de socialização e de reprodução de uma ordem social vividos pelas sociedades indígenas, a “educação indígena”, dos processos educativos decorrentes das situações de contato, a “educação escolar indígena” ou ainda de uma “educação para indígena”. (BITTENCOURT e SILVA, 2002).

Essas concepções, trazem alguns questionamentos sobre o que realmente é a educação indígena, pois os conhecimentos estão ligados a ordem social entre os povos originários, do aprender e repassar os costumes cultural e social aos membros da aldeia através da oralidade e ancestralidade.

No que diz respeito ao processo formativo, é importante pensar numa educação escolar comum a todos, com respeito a diversidade ou ao educar sendo uma atividade específica para o indígena, conforme podemos depreender de Young (2014):

É uma atividade prática, como saúde, transporte ou comunicação. Não é como física, filosofia ou história – campos de investigação que buscam a verdade sobre nós e sobre o mundo e o universo que habitamos. A educação trata de fazer coisas com e para os outros; a pedagogia é sempre uma relação de autoridade (lembrem-se da zona de desenvolvimento proximal de Vygotsky: a diferença entre o que estudante e o professor sabem) e devemos aceitar essa responsabilidade (p. 196-197).

Portanto a educação se detém e busca fomentar a todos e busca possibilitar a obtenção de conhecimento pelas experiências podendo aprender na escola ou no ambiente não escolar, mas para a formação completa do ser humano as alternativas de formação perpassam por saberes diversos onde será visto durante sua vida.

No contexto da educação indígena, a centralidade do fazer formativo nos processos de ensino e aprendizagem é baseado na oralidade onde os indivíduos carregam ao longo de sua história de vida, com o surgimento das estruturas escolares a instituições que avaliam e classificam os saberes e ensino sobre a ciência, natureza e a relação ser humano ambiente. Entretanto, com a escasso acesso a especialização institucional, muitas pessoas ainda são

chamadas para lecionar e são tidos como “professores”, desempenhando atividades de cunho cultural de suas próprias experiências, trazendo à sala: rituais, dança, histórias pessoais sobre mitos e histórias, musicalidade e a pintura corporal, assim como o uso de plantas medicinais utilizadas dentro e fora da aldeia.

Tanto as escolas geridas pelas missões e órgãos governamentais ao longo da história de contato, como as experiências escolares “alternativas” em curso no Brasil e outros países da América, realizadas pelos próprios grupos indígenas junto com entidades civis, tem como referencial a escolarização formal, com aprendizagens fundamentadas na alfabetização, no domínio da palavra escrita. (BITTENCOURT e SILVA, 2002).

Sabendo que as escolas são guardiãs da forma como os fatos são narrados e passados aos educandos, sobretudo, o educar do povo indígena, isso não anula a alfabetização e a disseminação da educação plural, ou seja, em conjunto com outros órgãos, ONGs, escolas, e pessoas contribuem com a construção de uma educação específica e contextualizada, por exemplo.

Desde uma visão eurocêntrica de uma catequese necessária para que os corpos presentes se moldarem aos seus modos de bons costumes; do outro lado, o olhar e entendimento dos indígenas ou povos originários que tiveram que abandonar sua liberdade em conviver entre si, e ter que utilizar formas de socialização. Percebe-se, dessa forma, que desde a chegada dos europeus houve estratégias e imposições de cultura, utilizando-se de uma violência simbólica.

A partir dessa relação o racismo gnosiológico aos povos originários surgem em meio a sociedade e força ao longo do tempo o apagamento da epistemologia indígena a exemplo da circularidade, conceito muito caro às comunidades indígenas e que não está no currículo atualmente.

A aldeia e o povo indígena utilizam a circularidade para manifestar os seus modos de ser de forma que trazem consigo a memória dos antepassados e está atrelada a tradição. Pela circularidade, dão continuidade a sua relação “com [a] economia, [...] com a terra, sua religião e organização social” cada vez mais ameaçadas” (BRAND, 1997, p. 22).

Praticar a circularidade dentro da aldeia, possibilita verificar o quanto as crianças vivenciam a educação tradicional indígena na aldeia, sendo a circularidade uma forma de refletimos que estamos dentro de algo maior. Segundo Cavalcante (2013) as trilhas são “as

marcas de intensa utilização destes caminhos que indicam se as relações políticas daquele grupo estão ou não fortalecidas”.

Ou seja, a realidade da cultura sendo ela vivenciada na linguagem indígena pelo exercício da circularidade entende-se que exerce no universo lúdico dentro e fora da escola que lhe permite explorar o todo e também a religiosidade interseccionando as fronteiras do ritual e da cosmologia.

Os métodos de ensino dos povos indígenas partem da tradição passada mediante uma lógica transgeracional, do mais velho ao mais novo, onde sua herança parte dos costumes e das formas de fazer algo é transmitida oralmente e no dia a dia nas tarefas subdivididos na aldeia entre todos que ali residem, como forma de registro das vivências que servem de material vivo de aprendizagem desde as funções domésticas como também a fala e escrita dos povos por meio da educação que sofreu ao longo diversas mudanças.

Apesar dos prejuízos infligidos historicamente pela escola nas sociedades indígenas, estas aprenderam a com ela conviver e, em muitos casos, a demandam e a recriam. Observa-se hoje uma “indianização” das escolas nas aldeias, por meio de práticas que buscam na memória, na tradição, nos saberes ancestrais e no ensino de história a afirmação de suas identidades étnicas, fazendo dessa instituição e das práticas que nela desenvolvem possíveis aliadas de luta. (BERGAMASCHI, e MEDEIROS, 2010. p.55).

Nesse sentido, segundo Bergamaschi e Medeiros (2010), a educação indígena no Brasil, forçada pelos estrangeiros aos povos originários, durante a colonização, com o intuito de catequizá-los e civilizá-los tiveram prejuízos, sujeitando-os ao longo do tempo,

Um projeto de escolarização dentro da comunidade indígena presente, na qual suas ações e atividades eram ao mesmo tempo utilizadas a favor dos invasores e reprimida no dia a dia como, por exemplo, nas atividades de caça, coleta de frutos, danças e suas comemorações podendo ser citadas a perda gradual das línguas originárias, além da perda de inúmeras vidas.

Foram condicionados dia após dia a formas de ensino, cujo intuito era moldar os indígenas aos modos da sociedade europeia, menosprezando o seu meio social indígena existente, o que contribuiu para uma anulação das vidas presentes em todo território brasileiro. Os saberes ancestrais, dos povos até hoje é útil para educar, estas aprenderam a com ela conviver e, em muitos casos, a demandam e a recriam, sendo assim o conflito parte de dois modos educacionais o do colonizador e do colonizado segundo Cohn (2005),

Jesuítas se esmeravam na catequese dos índios, preparando gramáticas da língua do “gentio” e encerrando crianças em seminários; em seu rastro, diversas ordens religiosas católicas, como os salesianos e os capuchinhos, montaram suas escolas para alunos indígenas. O estado laico também atuou, desde o Império, na educação dos índios e, em dado momento, em parceria com missões evangélicas especializadas na grafia e alfabetização das línguas indígenas. (p. 486).

A educação escolar do povos indígenas com a vinda dos portugueses ao Brasil, difundida e comentada pela sociedade principalmente pelos jesuítas como forma de domesticação e moldar os corpos e a cultura, a ideia do estereótipo de índio da época colonial, durante a construção do seu desenvolvimento desde crianças os indígenas passam por inúmeras fases, são elas, as emocionais, intelectuais e cognitivas, porém é necessário compreender que existem duas formas de desenvolvimento e ambas tem o objetivo de conhecimento que seria as aprendizagens dentro do ambiente da aldeia e a outra seria o aprendizado dentro do ambiente escolar; entretanto, não há anulação de saberes ainda segundo Young (2014) .

A educação preocupa-se, antes de mais nada, em capacitar as pessoas a adquirir conhecimento que as leve para além da experiência pessoal, e que elas provavelmente não poderiam adquirir se não fossem à escola ou à universidade. Sugiro que o papel da teoria do currículo deva ser a análise desse conhecimento – a maior parte dele já existe nas escolas – e a proposta das melhores alternativas que possamos encontrar para as formas existentes. (p. 196-197).

Sendo assim, tendo a educação a capacidade formadora de indivíduos, ela apresenta todos os conteúdos por meio do corpo docente utilizando de materiais didáticos desde as fases iniciais e ao longo da jornada acadêmica como facilitadores da aprendizagem, na educação indígena tendo o desenvolvimento em comunidade o papel de orientar através dos conhecimentos passados de geração a geração, os parentes e líderes dentro da aldeia e na escola com os conteúdos e recursos didáticos que desempenham papéis fundamentais para a formação dos indivíduos como exemplos de sabedoria alcançando a todos.

Segundo Cohn (2005), a educação escolar indígena tem uma longa história, tão longa quanto é o contato entre índios e europeus. Desde sempre, a alfabetização e a educação escolar tiveram um papel importante nessas relações. A elaboração e organização da forma de ensino

e do educar, desde a colonização tem-se ocorrendo mudanças na legislação, organização que se adequem e sejam garantidos os direitos adequados a necessidade dentro das aldeias na vivência e valorização cultural ao longo da história.

Todos esses meios de formação, servem para desenvolvimento geral das habilidades trabalhadas na escola, essas tarefas foram compactadas e organizadas dentro do currículo escolar, em livros didáticos, sendo um instrumento norteador dos conteúdos a serem trabalhados na escola.

2.1 Educação Indígena na aldeia Katokinn em Pariconha Alagoas

No Estado de Alagoas, segundo pesquisas há um número considerável de escolas indígenas em funcionamento, que aplicam e recebem, somente alunos devidamente registrados como indígena da etnia da cidade. Nota-se que a população indígena autodeclarada em Alagoas, distribuídas pelos municípios totalizam 14.509 em (2010), nos quais 4.486 ainda residem nas terras indígenas e, 10.023, fora delas, seja por procura de emprego, estudos e outros, segundo fonte do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

A educação indígena tem influência cultural indígena na sociedade brasileira desde a língua brasileira falada e escrita e os ensinamentos e cultura estão fortemente em nosso dia a dia palavras relacionadas à flora e à fauna (como abacaxi, açaí, pipoca, mandioca); os povos originários deixaram para toda sociedade no Brasil principalmente a diversidade cultural, música e valores que foram primordiais para a construção e povoamento neste país.

As iniciativas, para o ensino indígena tem relação com a história que passam desde a época colonial, sistematicamente sendo promovidas as políticas públicas em meados ao século XX, mas somente em 1970, ocorrem algumas mudanças dentro da sociedade que somaram para que em 1988 dentro da Constituição nas políticas de ensino o reconhecimento para a valorização da cultura e diversidade para os povos indígenas dando abertura e mobilizações que asseguram por lei ensinamentos étnico racial e cultural como destaca Souza (2008),

A princípio temos: a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, Art. 231; 232; 210. A LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, promulgada em 1996, nº 9.394, na qual os Artigos 26, 32, 78 e 79 asseguram uma educação diferenciada, apontando ainda a necessidade de cursos específicos para a formação de professores indígenas. No PNE (Plano Nacional de Educação), temos a Lei nº 10.172 de 9 de janeiro 2001. (p. 26).

É importante enfatizar a interação entre a escola e a comunidade por lei garantindo os direitos a um ensino de qualidade que preza pelo pleno desenvolvimento intelectual desde criança a sua fase superior. Os processos de ensino e aprendizagem na aldeia Katokinn, assim sob a especificidades do ensino diferenciado dentro da comunidade com base na cultura local.

A comunidade indígena do povo Katokinn segundo Vieira (2010, p.19) elucida que o povo Katokinn vive na periferia da cidade, no bairro Alto de Pariconha. Organizado com os Karuazu, resolveu assumir a própria organização étnica a partir de setembro de 2002 e complementa que para que a organização teve a frente,

Liderado pela cacica Maria das Graças (Nina) e pelo pajé Arvelino (já falecido), organizaram o povo e estão lutando pelos direitos à saúde e educação, e, especialmente, a demarcação da terra. Atualmente já são cerca de 200 famílias que fazem parte da luta do povo.

A Escola Juvino Henrique da Silva leva consigo a força e persistência da comunidade pela garantia da qualidade em educação e formação específica e representativa da etnia, ofertando com respeito às tradições e à diversidade; os dados do censo escolar de 2015, do Ministério da Educação (MEC), mostram que pouca mais da metade, 53,5% das escolas indígenas têm material didático específico para o grupo para o étnico.

Segundo a Superintendência de Desenvolvimento do Ensino Infantil, Ensino Fundamental e Políticas Educacionais da Seduc- AL em (2023), informa que a rede estadual atende a 9 dos 12 povos indígenas alagoanos com escolas que são: Geripankó e Katokinn, em Pariconha; Koiupanká, em Inhapi; Aconã, em Traipu; Kariri-Xocó, em Porto Real do Colégio; Karapotó, em São Sebastião; Tingui-Botó, em Feira Grande; Xukuru-Kariri, em Palmeira dos Índios; e Wassu-Cocal, em Joaquim Gomes, nas unidades o quadro possuem o efetivo profissional com a sua maioria por indígenas e a mescla de não indígenas.

As práticas pedagógicas utilizadas nas unidades de ensino seguem a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica Escolar Indígena, aliada a educação escolar indígena em Alagoas ser específica a sua realidade conciliando os conhecimentos culturais e tradicionais da aldeia. Os processos pedagógicos de aprendizagem relacionados aos conhecimentos, às culturas de cada povo proporcionando, com isso, os saberes acerca da diversidade cultural, como proposta inclusiva do fazer educativo.

2.2 O papel do professor no ambiente escolar indígena

Os professores indígenas por meio de reuniões escolares e lideranças tem grande importância no desenvolvimento escolar tem acompanhamento relevante dos conhecimentos da comunidade, os estudos acerca da cultura indígena refletem as características de grupos refletem no espaço dessas interações dentro da escola.

Segundo Sacristán (2013, p. 10, apud ARROYO, 2015, p. 48), “a escola sem conteúdos culturais é uma ficção, uma proposta vazia, irreal e irresponsável... O conteúdo cultural é a condição lógica do ensino e o currículo é a estrutura dessa cultura” por isso, a necessidade de utilizar o livro didático, metodologias de ensino significativas nas aulas relacionando os saberes das disciplinas com os saberes dos povos.

Na aldeia, o educador dará continuidade ao desenvolvimento intelectual e cognitivo, predominando as habilidades essenciais da alfabetização, desenvolvendo o ler, o escrever, a leitura, assim como a relação cultural, mesclando de forma coerente o saber e o viver da aldeia e suas histórias, pois é no ambiente escolar que a criança dará um passo significativo para a sua vida.

Segundo Meliá (1979, p. 11) a educação indígena permite, de fato, um alto grau de espontaneidade, que facilita a realização dos indivíduos dentro de uma margem de muita liberdade. Os povos indígenas, em conjunto com o corpo docente motivados pelo saberes e desenvolvimento intelectual constroem e relacionam tradição com o período letivo pelo calendário escolar com o ano civil.

A partir do ingresso na escola, a criança indígena percorre junto ao educador, preferencialmente, que seja indígena da comunidade, pois conhece e é participante dos rituais religiosos, são denominados pelas lideranças e comunidade como professores de cultura e de tronco, por compreenderem que as formas pedagógicas é uma dimensão da prática social desses agentes, não apenas no âmbito escolar, mas na dinâmica das relações sociais que vão além do que se pode explicar e vivenciar pela cultura.

A formação docente, em especial dos professores indígenas, tem sua importância, necessária para que eles os profissionais indígenas, tenham formação e apliquem dentro da escola, podemos compreender que

Ao abordar a formação de recursos humanos para as comunidades indígenas, as Diretrizes reafirmam o direito dos povos a ter índios

como professores de suas escolas, informando que, na prática, já existem muitas escolas com índios como professores, mas em geral, eles se limitam a atividades de alfabetização e pós-alfabetização e aos rudimentos da aritmética. (SANTOS, PAIVA, MENEZES, SEFFAIR e CARVALHO (2015), p. 7851).

Os professores são reflexos e herança do povo como profissional aplicam os conhecimentos, planejamento em sala para formar e orientar os alunos, segundo ARROYO (2015) esta não se efetivará enquanto não se avançar na construção de Currículos que traduzem as concepções, os conhecimentos, as culturas e valores de que são produtores e sujeitos os movimentos sociais.

De fato, as escolas que não traduzem e defendem o contexto indígena dentro de seus modos através da equipe pedagógica aliada aos saberes da prática docente podem perder ao longo do tempo boa parte de sua essência cultural. Desse modo, é visível a importância do professor (a) na continuidade de processos metodológicos educacionais, que envolvam as diversidades culturais e étnicas para não dar continuidade ao real sentido do ensinar.

Por tanto, o professor indígena precisa de uma formação continuada e sempre atualizar seus aprendizados, nas práticas pedagógicas com a utilização de materiais didáticos que sejam facilitadores da compreensão do aluno em sala de aula é de total importância. Os professores de dentro da cultura mantêm os valores culturais e representativos da comunidade que poderiam se perder ao longo da história.

Segundo Facci (2006, p. 138) a educação de acordo com a vertente da Psicologia russa, é colocada em destaque, a partir de que os seres humanos se apropriam da cultura para se desenvolver, e também para que ocorra o desenvolvimento da sociedade como um todo. Sem a transmissão dos resultados do desenvolvimento sócio-histórico da humanidade seria impossível a continuidade do processo histórico. Por tanto, os povos acabam levando influências de outras a favor do desenvolvimento gerando um combinado de conhecimentos onde todos podem aprender algo no meio social.

Para Grupioni (2003) deve-se preparar indígenas como professores para que atuem nas escolas de suas aldeias, seja por via de projetos em termos pedagógicos e políticos. É importante para que em todo o Brasil os indígenas por esse modo seja se sintam representados nas comunidades, os professores formados trabalham na docência das escolas indígenas, enquanto protagonistas.

Segundo Moreira e Candau (2007), o papel do educador no processo curricular é fundamental, ele é um dos grandes artífices na construção dos currículos nas escolas e nas salas de aulas como

profissionais da educação. O planejamento e discussões sobre as aulas é importante que o professor esteja atento aos movimentos dentro das escolas.

De acordo com Vygotsky, “a educação é a influência premeditada, organizada e prolongada no desenvolvimento de um organismo” (apud MARTINS, 2006, p. 49) sendo assim a educação fornecida e conduzida pela equipe pedagógica encaminha os alunos aos saberes e valorização da cultura e do ensino.

2.3 Desafios do ensino diferenciado

A educação indígena tem sofrido muitos desafios no Brasil, como a falta de recursos financeiros e a resistência por parte de alguns setores da sociedade que não reconhecem a importância da preservação das culturas indígenas, a marginalização, falta de um ambiente estruturado e recursos como material didático para as aulas. O ensino diferenciado não está aparte do ensino “normal” mas faz parte dele, pois fornece ou pretende oferecer as mesmas condições de ensino.

Além disso, agregar os alunos na realidade escolar gera desafios constantes para os professores, pois a aprendizagem é uma característica humana, mas, a construção do ensino é a base que interliga tudo se tratando do ensino diferenciado indígena implicando com um currículo e projetos de lei que pode abranger a todos.

Ocorre alguns questionamentos referente a educação sendo ela diferenciada ou contextualizada? A escola diferenciada quando se trata da educação escolar indígena, outra coisa é a educação contextualizada no interior desta escola, sendo assim dois termos que se correlacionam dentro do contexto escolar diferenciada pelo fato de não conter nela a metodologia sistemática que há nas escolas de cunho tradicional.

O modelo pedagógico que atenda às especificidades dos grupos indígenas e à formação de professores indígenas, para as possibilidades da educação intercultural ainda é um processo conflituoso, portanto a educação contextualizada se contrapõe à concepção de um ensino burocrático, atua como ferramenta pedagógica multidimensional que beneficia alunos, famílias e sociedade, por meio do olhar apurado sobre a realidade de vida.

Todos os saberes tradicionais são considerados na aprendizagem dentro da educação escolar diferenciada, na utilização ideológica e relações da ciência ocidental no campo educacional. Tendo relação direta, com olhar histórico e social dos povos originários do Brasil

mesmo havendo a desvalorização e preconceito aos indígenas pois não reconhecem sua cultura, identidade isso ocorre até mesmo dentro das próprias aldeias.

Nas discussões da epistemologia dos conhecimentos tradicionais dos indígenas no contexto educacional, ocorre dentro das escolas e no ensino uma desqualificação e desarticulação dos saberes tradicionais ao longo do processo de escolarização que são mediadas nas escolas não indígenas.

Para Valle e Maia (2010, p.23), a adaptação curricular se define como “o conjunto de modificações que se realizam nos objetivos, conteúdos, critérios e procedimentos de avaliação, atividades e metodologia para atender às diferenças individuais dos alunos”.

Sendo assim, muitas vezes os livros didáticos disponíveis não são adequados para a realidade dos povos indígenas, apresentando conteúdos distantes da sua realidade e sem levar em conta suas tradições e saberes. O ensino diferenciado conta com uma estrutura, professores e os materiais e sua utilização que sirvam para todos com a inclusão, isso se torna um desafio para a educação indígena.

A realidade do ambiente escolar indígena não conta com uma estrutura adequada para os alunos, pois foi construída para o ensino voltado a liberdade, mesmo assim a estrutura adequada influencia o conforto e permanência de todos na escola.

Diante das realidades sociais os desafios ao docente surgem todos os dias, por isto é necessário ao professor está ciente que não é transferir conhecimentos, mas instigar aos alunos a vontade e a conveniência de possibilidades frente a vários saberes, formando a criticidade e autonomia está aberto aos questionamentos e mostrar que deve ser inconformado e tirar suas conclusões aos fatos.

Por tanto, o professor bem formado se molda e transforma a sua realidade, envolvendo os alunos sendo assim o docente é na verdade um membro da educação ainda no processo inacabado que constantemente na sua existência se modificando ao espaço, ensinar exige o reconhecimento próprio histórico, político e social.

O espaço escolar além de ser em um ponto como já mencionado mal visto e empobrecido a sua estrutura que vamos chamar de prédio principal conta com uma cozinha, sala da direção, sala dos professores e coordenação, uma sala para pré 1, outra sala para ensino infantil, na cozinha do terreiro outra sala, na oca outra sala e no salão comunitário outras duas salas divididas ao meio. Foi inaugurada uma nova escola para ensino fundamental, mas não comporta todos os alunos e sua localização dificulta a locomoção de diversas crianças.

Não possuem material didático específico, mas utilizam dos não-didático, exemplo durante a aula de educação física o professor e os alunos ficam no terreiro da aldeia, para a aula ocorrer o professor relata que os itens como, cordas, bolas, cones, entre outros materiais é de uso próprio. A seguir imagens da aula:

Figura 3: Aula de educação física no terreiro indígena na aldeia Katokinn, Pariconha



Fonte: Acervo pessoal da autora.

O local onde as aulas são realizadas não tem nenhum tipo de proteção, cobertura é ao natural como nas imagens, a dificuldade segundo alguns relatos é sempre sobre o espaço pois não tem acesso ao ginásio municipal. A escola não dispõe de material, o professor utiliza os próprios, como bolas de futebol, bolas de vôlei, cones coloridos, apitos e outros para realizar suas aulas; outro material a escola fornece cestos, cordas ou produz os próprios, dependendo das atividades.

A proposta pedagógica está focada na diversidade cultural realmente a importância da valorização da cultura indígena são contribuições riquíssimas, os professores têm a responsabilidade de trabalharem com projetos que objetivem a aceitação e o respeito às diferenças dentro da aldeia fazendo a correlação entre os saberes curriculares.

Figura 4: Terreiro da aldeia Katokinn, Pariconha



Fonte: Acervo pessoal da autora 2023.

No local acima é onde fica o terreiro da aldeia onde ocorrem as festividades, toré ao longo da semana, ao fundo a escola junto de algumas casas de populares da cidade, no local ocorria a aula de educação física e o professor utilizava-se de materiais para desenvolver suas atividades.

Nesta aula específica os cones representam o maracá pois a quantidade não era suficiente para todos da turma, é nítido a relação à festa da corrida do umbu, festividade tradicional para a comunidade que celebra a colheita e as oferta, alguns conteúdos não tem base na BNCC.

As aulas não necessariamente são construídas pela base, mas são adaptadas para que a cultura seja sempre evidenciada e que os alunos se envolvam com atividades já vivenciadas pelos costumes da sua cultura e da aldeia.

Figura 5: Atividade corrida com o cesto aldeia Katokinn, Pariconha



Fonte: Acervo pessoal da autora 2023.

Nesta aula, o professor correlaciona os saberes da cultura da aldeia com o conhecimento científico em sua metodologia de ensino, esta atividade relaciona a corrida do maracá, duas atividades foram propostas.

Figura 6: Material utilizado para aula: cestos, cordas e cones.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Nas festividades as mulheres carregam cestos com frutas, verduras como forma de oferenda em agradecimento pelas colheitas, as crianças já estão familiarizadas com isso pela presença nos festejos, o objeto musical o maracá está sempre presente nos festejos, rituais e é o que guia a musicalidade.

Figura 7: Atividade corrida com o cesto aldeia Katokinn, Pariconha



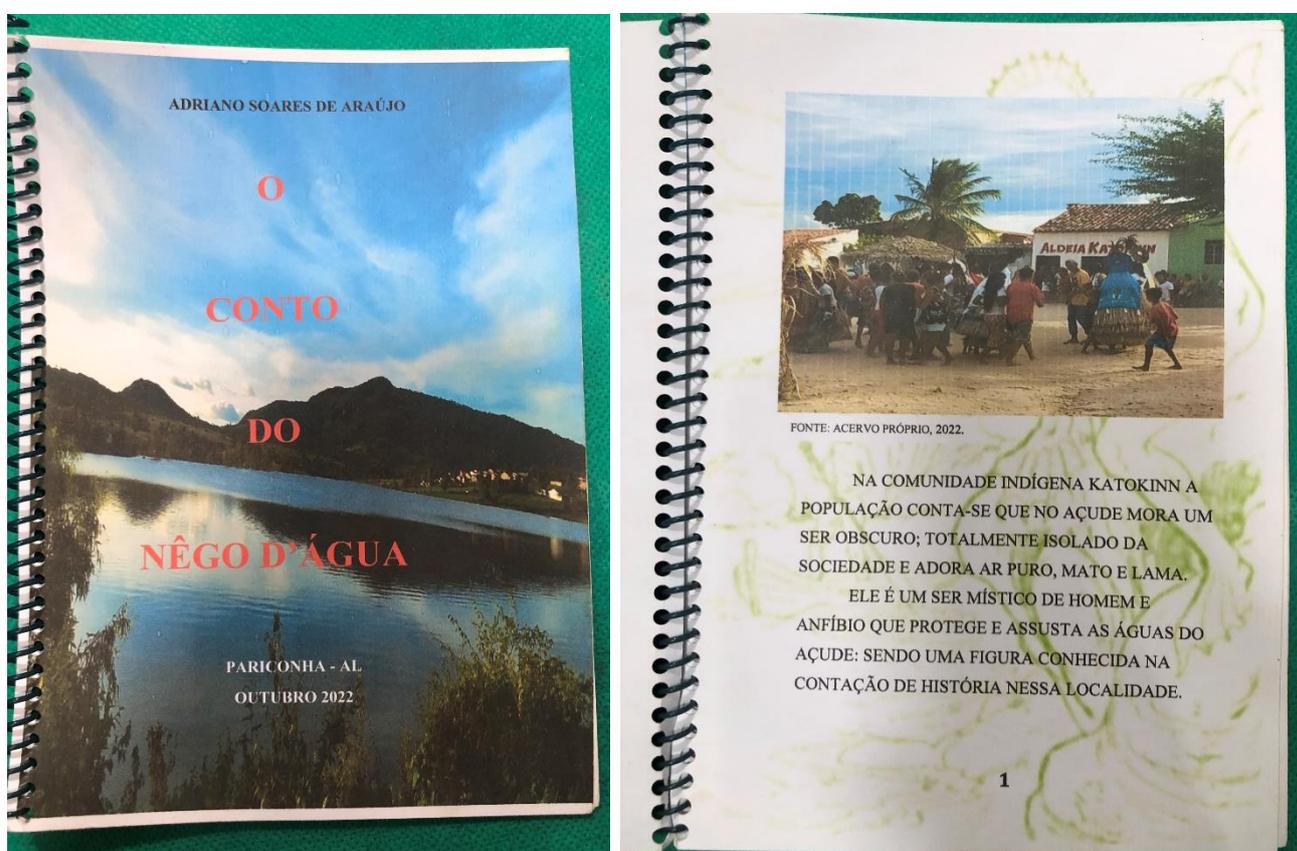
Fonte: Acervo pessoal da autora.

A escola leva em consideração a educação, mas trabalha com o que está disponível, com a cultura e conhecimentos tradicionais as lutas e resistência para conseguir meios de melhorias para a educação é constante.

3 – O LIVRO DIDÁTICO NA ESCOLA INDÍGENA

A educação indígena utiliza-se de suportes como o do livro didático dentro das escolas, onde exige também o uso e produção de material didático específico que aborde temas formativos e culturais que os auxiliem. O desenvolvimento de materiais durante o ano letivo é fundamental, pois a escolha da edição dos livros e distribuição do material didático específico nas escolas acaba sendo tardio na entrega, isso influencia na produção pelos próprios professores dos livros, atividades a serem utilizadas.

Figura 8: Livro produzido pelo professor “O conto do Nego d 'água”.



Fonte: Acervo pessoal da autora 2023.

Esta produção de um livro não didático foi uma iniciativa da escola em começar a registrar as histórias e experiências na aldeia, o conto familiar da cidade foi transcrito por meio de um projeto escolar e contou com a colaboração dos alunos e comunidade. O material foi produzido e organizado pelo professor da disciplina educação e cultura do 4º ano fundamental, dentre esta confecção surgiram outras como portfólios.

A Fundação Nacional dos Povos Indígenas –FUNAI, tem publicado materiais didáticos específicos em línguas portuguesa e indígena, produzidos por professores, assessores e alunos indígenas, para uso nas próprias escolas e/ou na comunidade. Segundo os próprios trabalhos e divulgações a expõe seu incentivo pela produção de assuntos referente a material didático-pedagógico para percorrer e serem usados nas escolas dentro das escolas indígenas.

O livro didático é uma das ferramentas dentro do ensino mais utilizadas nas escolas no Brasil, pelos professores e alunos sendo peça fundamental e norteadora durante as aulas com o objetivo no ensino-aprendizagem que possui no seu conteúdo as áreas do conhecimento, matemática, língua portuguesa, ciência e as demais disciplinas.

Os povos indígenas estão representados pelos líderes da comunidade, mas é preciso maior visibilidade das escolas pelos educadores e estudantes dentro dos livros didáticos compreender os modos e a cultura dos povos indígenas. O livro didático dentro das escolas tem o papel norteador e suporte ao longo do ensino-aprendizagem trabalhado em conjunto com outros métodos por exemplo livros, computadores e outros recursos.

Segundo o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (FUNDEB), em 2019 foram distribuídos mais de 126 milhões de livros didáticos que beneficiaram mais de 35 milhões de alunos em todo o país. Este sendo o livro didático “comum” sendo este de distribuição em todo país nas escolas em geral, utilizados por alguns anos letivos.

Todos os livros didáticos têm o objetivo presumido de como recurso de ação em sala de aula, o caráter especial e essencial, contendo informações relevantes apresentados no Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI) onde os fundamentos pedagógicos, com as áreas importantes para o trabalho de educação escolar indígena.

O livro didático bem utilizado nos planejamentos de aula e trazem grandes contribuições à aprendizagem para construção de conhecimentos pelos alunos, segundo SILVA elucida que,

O livro didático é uma tradição tão forte dentro da educação brasileira que o seu acolhimento independe da vontade e da decisão dos professores. Sustentam essa tradição o olhar saudosista dos país, a organização escolar como um todo, o marketing das editoras e o próprio imaginário que orienta as decisões pedagógicas do educador. Não é à toa que a imagem estilizada do professor o apresenta com um livro nas mãos, dando a entender que o ensino, o livro e o conhecimento são elementos inseparáveis, indicotomizáveis (1996, p.08).

O uso dos livros didáticos devem ser partes inseparáveis do professor sendo já interligado a imagem do docente na memória de todos, ao longo da história da educação no Brasil, parte do componente curricular nas instituições de ensino fundamental e médio, pública que pelas

políticas organizacionais direciona sua utilização como parte obrigatória de uso em sala e desenvolvimento de atividades.

3.1 A utilização do livro didático pelo professor

O professor durante os anos letivos tem grande contribuição e responsabilidade pela escolha dos livros didáticos que serão utilizados dentro da aldeia, o livro vem contribuir para a formação e desenvolvimentos dos alunos, é parte importante da forma pautada pela memorização de nomenclaturas e de dados numéricos.

No entanto, para a realidade a perspectiva do livro didático como uma verdade absoluta, sendo um suporte para os professores e alunos, o livro didático usado em aulas a partir do fundamental não tem grande uso em sala pois os conteúdos são adaptados.

Os professores não utilizam o livro didático específico indígena segundo informações da direção, usam outros como suporte durante as aulas, existem sim o livro didático, mas ele é usado em alguns momentos. Na secretaria e sala dos professores conta com duas estantes de livros, com contos, histórias, produção própria de portfólio, revistas entre outros.

Figura 9: Estante com livros, revistas e portfólios usados na pela escola.



Fonte: Acervo pessoal da autora 2023.

Alguns questionamentos surgem em torno do uso dos livros, como utilizar os livros mediante o envio pelo Ministério da educação, SEMED orienta, BNCC, seguir as orientações

pelos órgãos reguladores da educação visto as realidades, onde estes livros são utilizados. Nas escolas indígenas fazem uso e tem acesso aos materiais no aguardo de atualizações desta ferramenta, o livro é parâmetro agregando novas formas de ensino dentro da realidade cultural é modificada é moldada a reflexão e sua culminância na sala.

A grandes contribuições e importância do livro didático mediante ao incentivo do projeto escolar, na educação sua utilidade deve ser ativa e não passiva como se fosse algo que substitui os saberes do professor na didática pedagógica. O foco da didática segue os pilares dos melhores métodos de ensino dos conteúdos não se prendendo a um único livro.

Na Escola Estadual Juvino Henrique da aldeia Katokinn, possui um ensino diferenciado pela valorização da sua etnia, cultura e representatividade a educação é voltada a esta comunidade, hoje a escola não possui um livro didático indígena ao longo do ano levito é usado os livros de distribuição governamental, porém, são agregados outros livros de produção de outros autores indígenas e etnias.

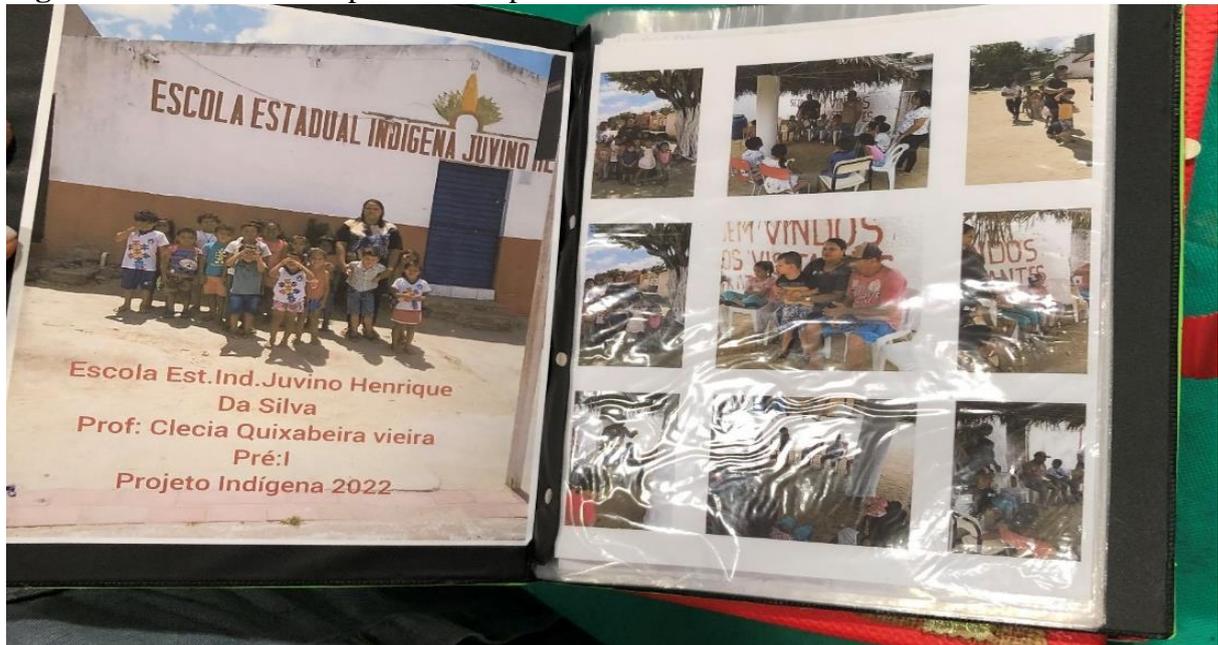
Figura 10: Projeto literário com as turmas pré I, 2º e 3º ano fundamental.



Fonte: Acervo pessoal da autora 2023.

Estes são portfólios feitos pelos alunos e professores pelo projeto escolar onde todos participam ativamente nessa construção, contém a mescla de conhecimentos e saberes ancestrais. Visto a necessidade de material didático que não tem ou não é suficiente para todos é realizada a produção desses trabalhos.

Figura 11: Resultados do portfólio do pré I.



Fonte: Acervo pessoal da autora 2023.

A interação dos membros da comunidade com a escola é evidente, pelas trocas de saberes, todos são acolhidos e é dado o mesmo atendimento ao repassar os conhecimentos, por meio de rodas de conversas organizadas pelo professor da escola, a ida dos estudantes a natureza em volta da aldeia em busca de ervas medicinais, participação dos rituais religiosos,

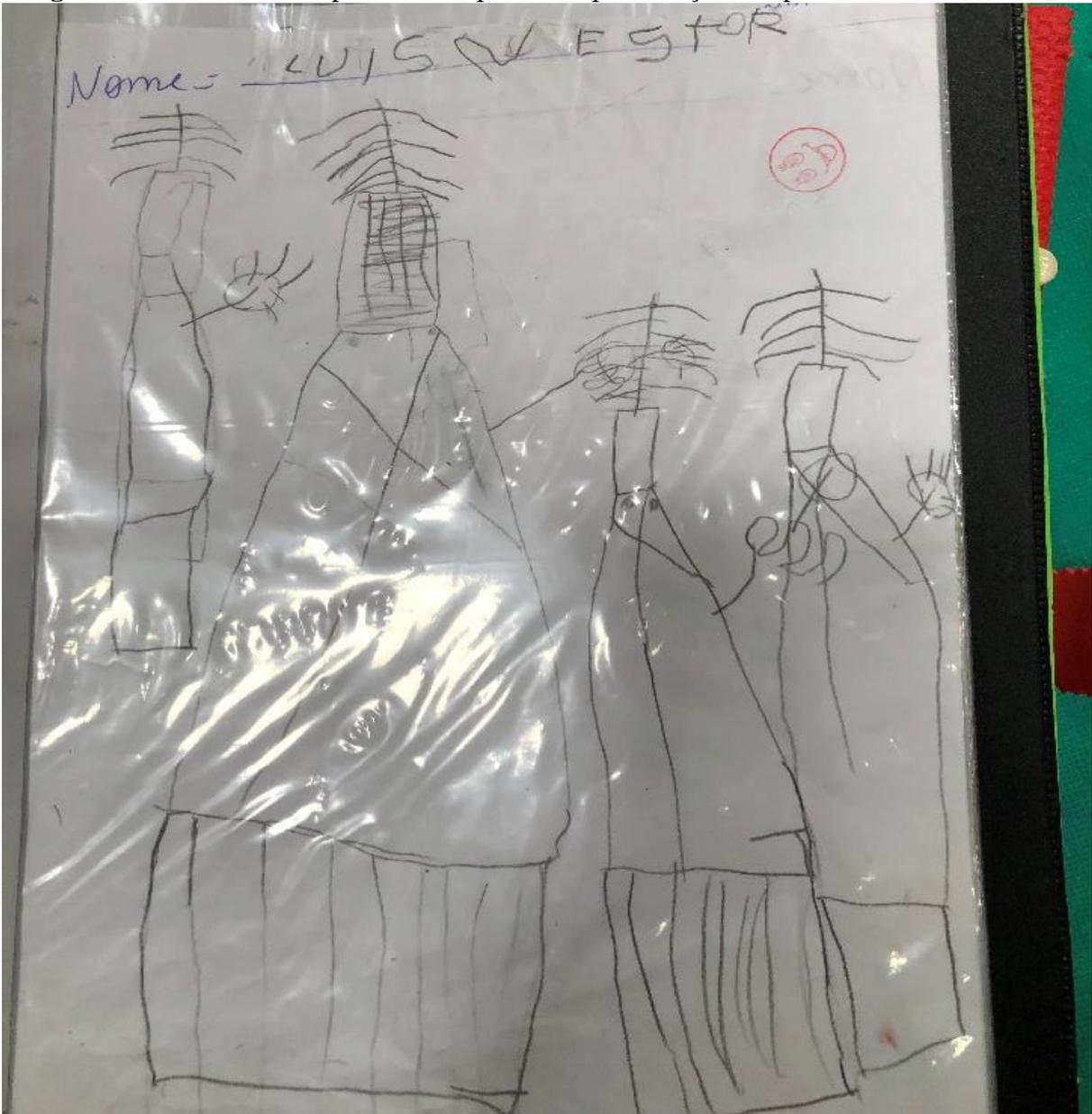
Figura 12: Resultados do portfólio do pré I – Ervas medicinais



Fonte: Acervo pessoal da autora 2023.

Este projeto da escola propôs a todos irem de encontro aos membros mais antigos da comunidade a fim de criar laços e desenvolver o senso de pertencimento das turmas envolvidas nesta atividade, trabalharam nas pesquisas de ervas medicinais, histórias da aldeia sobre a origem do praiá, extração das fitas de croá e confecção das saias dessa retirada de material, conteúdos que não são encontrados nos livros.

Figura 13: Resultados do portfólio do pré I – Representação dos praiás



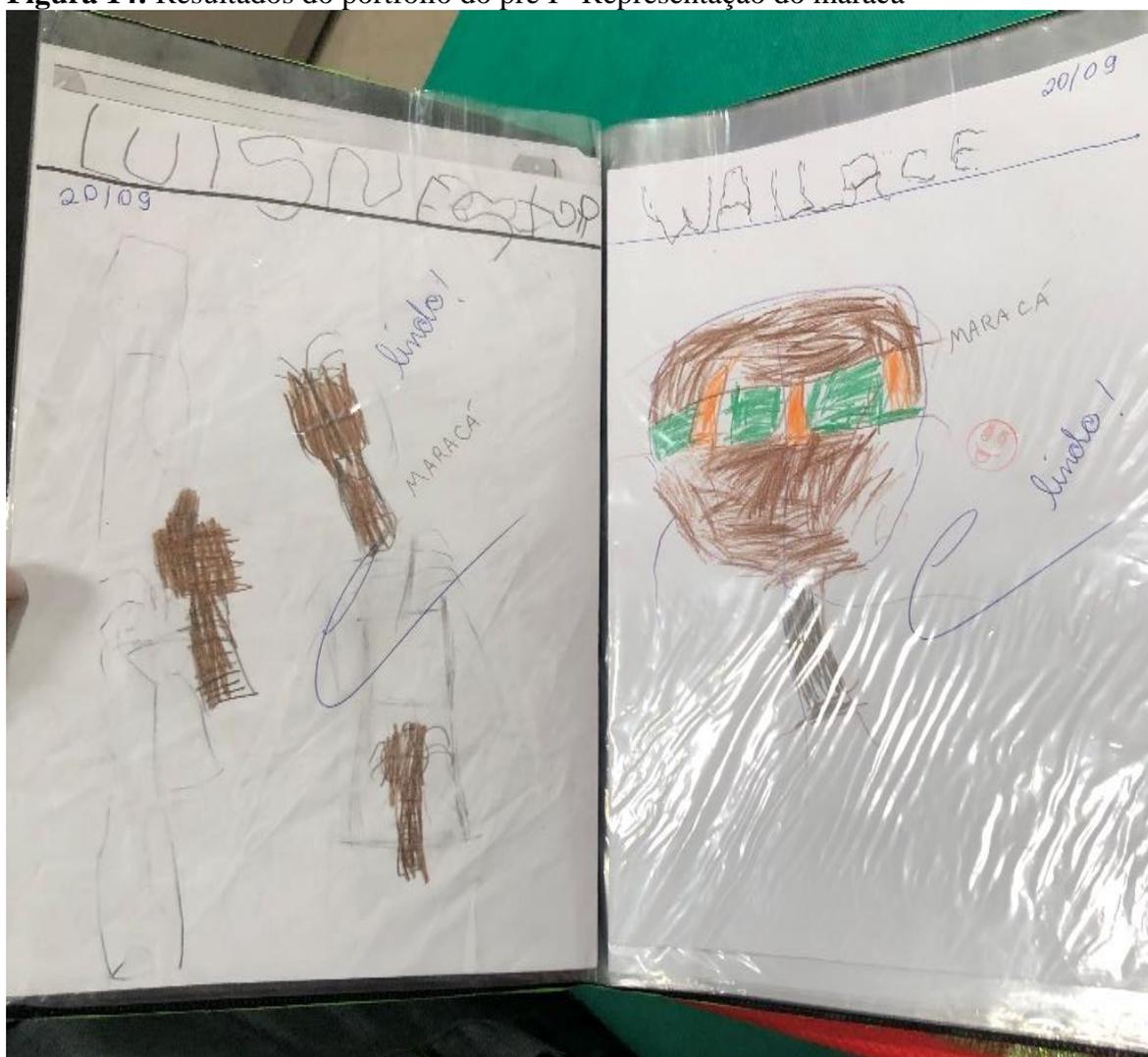
Fonte: Autora, 2023.

Os professores planejam as aulas diante da realidade dos alunos, trazendo os membros da comunidade para dentro da escola e juntos passar os saberes aos educandos, as

representações feitas pelos alunos de acordo com sua faixa etária e série fornece exemplos de como cada aluno consome e entende os conteúdos, acima a figura emblemática do praia feita por aluno da escola indígena Juvino.

A necessidade de adaptação dos conteúdos nos livros é necessária na perspectiva indígena, pois não há em sua metodologia e projeção de leituras e atividades que abordem de forma representativa os indígenas.

Figura 14: Resultados do portfólio do pré I –Representação do maracá



Fonte: Acervo pessoal da autora 2023.

Os saberes indígenas na escola são passados mediante ao planejamento através do calendário interno da unidade, o ensino costuma desempenhar um sistema intercultural e diferenciado com foco no povo e sua valorização, o fortalecimento da educação e escola

especifica ao contrário a escola colonizadora que entrou nas reservas indígenas com conhecimento tradicional centralizada ao capital e os indígenas persistiram.

Hoje a construção de materiais, publicações sobre o entendimento de educação para a aldeia frente ao ensino é manter viva os conhecimentos, religiosidade, organização social, e a visão de mundo não se distanciando de suas ancestralidades e o espaço, por meio de feiras culturais, atividades escolares.

Segundo o artigo 24, inciso VII da Carta Magna de 1988 diz que,

A União e os Estados têm o dever de proteger o patrimônio histórico e cultural brasileiro. Inseridas neste contexto, as terras indígenas são áreas fundamentais para a reprodução física e cultural desses povos, através da conservação de seus modos de vida tradicionais, saberes e expressões culturais singulares.

Por tanto, a necessidade de uma construção e incentivo dos órgãos governamentais em colaborar na construção de materiais didáticos é algo que causa esperança, pois construir livros específicos para as aldeias é uma arma facilitadora do conhecimento.

Por tanto, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº9.394) estabelece normas para todo o sistema educacional brasileiro, fixando diretrizes e bases da educação nacional desde a Educação Infantil até a Educação Superior. Assim como a LDB, as escolas indígenas têm um ensino diferenciado das demais escolas, tendo liberdade em definir, de acordo seu projeto político pedagógico.

É importante que o professor realize e siga seu plano de aula tendo como subsidio este recurso e sua aula não tenha sobreposição e sua autonomia enquanto educador, suas práticas pedagógicas. Segundo a Agência Brasil, ainda há muitas necessidades de produzir vários tipos de materiais, entretanto, a ação dos professores, alunos e a comunidade a produção deverá ser proveitosa na produção de material didático específico.

3.2 Análise do livro didático

Os livros didáticos surgem mediante o Pacto Nacional pela Alfabetização na idade certa - PNAIC necessidade de expressar e alcançar grupos e meios mais vulneráveis da educação pelo programa do ministério da educação- MEC onde busca mobilizar a valorização

dos professores e escolas, dando apoio com material didático para melhor desempenho na alfabetização. O Decreto nº 6.094, de 24 de abril de 2007 e a Meta 5 do Plano Nacional de Educação (PNE) define a estrutura adequada, avaliação e monitoramento da alfabetização e letramento para as crianças serem alfabetizadas até os 8 anos de idade em um período de até 3 anos.

Por tanto o plano visa o currículo inclusivo e defende os direitos a qualidade do ensino e aprendizagem, ênfase na organização pedagógica, seleção das temáticas e traz as discussões sobre o ensino interdisciplinar, mas para a educação indígena isso não tem sido levado em consideração; pois não há representação e produções que incluam os povos originários na produção dos livros.

Os materiais didáticos que são mediante a escolha da de cada escola e que são entregues pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) contam com os respectivos manuais de professor e os que são direcionados aos alunos com uso estimado de 3 a 4 anos sendo reutilizados. O MEC salienta que este programa como,

O PNLD Pnaic foi desenvolvido por meio de ação em parceria entre o FNDE e a Secretaria de Educação Básica por meio de Edital público de convocação de detentores de direitos autorais no país com vistas à inscrição de obras literárias que possam efetivamente contribuir com os processos de alfabetização e letramento no âmbito do PNAIC.

Segundo a Constituição Federal em seu artigo 1º VII - promoção humanística, científica, cultural e tecnológica do País. É garantido que os livros didáticos devem assegurar no desenvolvimento conteúdo que estimule as habilidades e competências curriculares e sociais.

Foi analisado o livro didático da disciplina de história do 6º ano, mediante ao método de crítica e qualitativa, foi observado a edição, organização, perspectiva e conteúdo. Nos materiais didáticos, atentamos para o seu conteúdo e o que abordam sobre os povos indígenas e sua presença social no quadro a seguir.

Quadro 1 -Tópicos da análise do livro didático de História

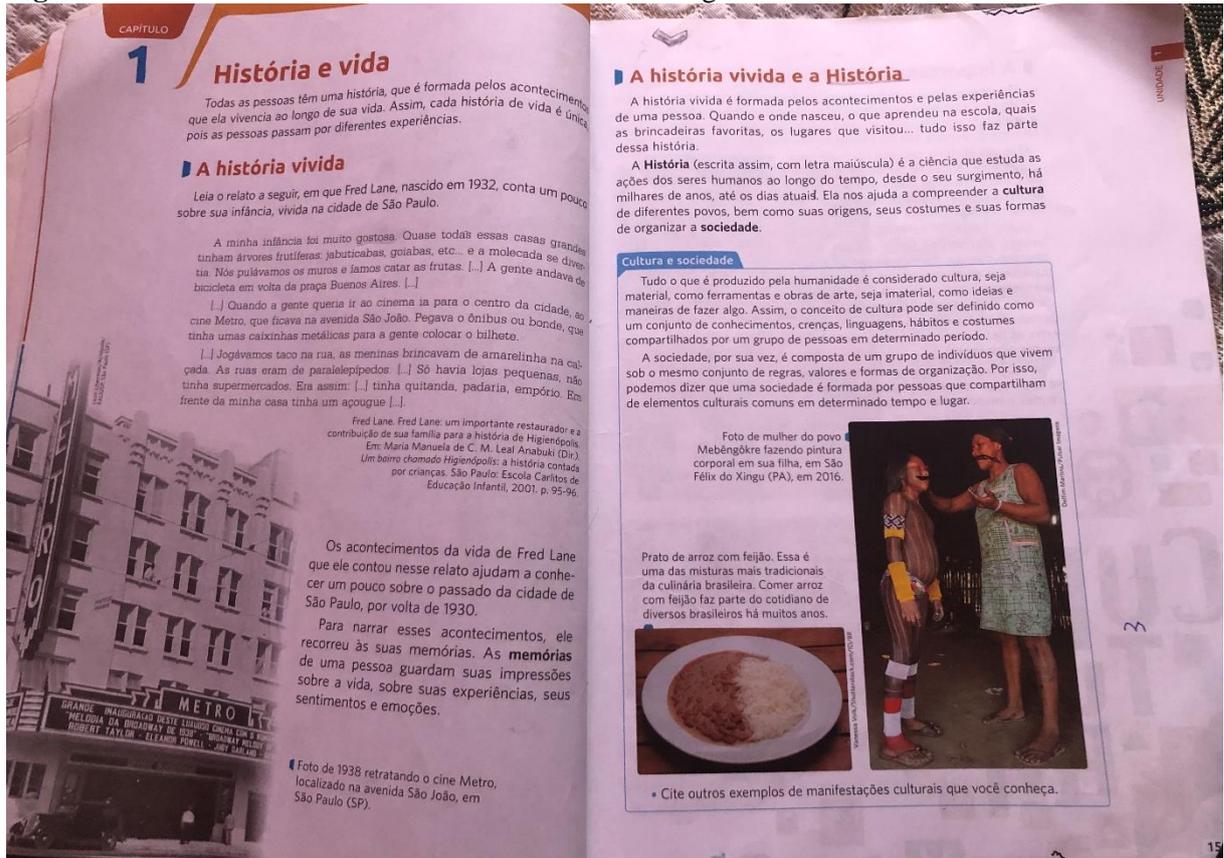
Referências: nome da obra, autor (es), edição, ano e editora	Convergências de história, Minorelli, Caroline Torre. 2ª edição 2018. Editora: SM.
Estrutura da obra: como o livro está organizado (unidades? Capítulos? Seções?) Quais e quanto de cada?	O livro está separado em unidades 1,2,3,4,5,6,7 e 8. Divididos em 20 capítulos.
Perspectiva (s) historiográfica (s) assumida (s) no livro? (Positivist, marxista, história cultural, história social)	Seu conteúdo reflete a história social e cultural. Conta com a descrição da história tradicional.

Apresenta com propriedade os conhecimentos históricos? (Utiliza corretamente informações da área, incorpora novas temáticas ao estudo da história além das tradicionais).	Os temas abordados no livro trabalham a história em geral de forma tradicional, envolvendo a história vivida, cultura europeia e sociedade no início do seu capítulo 1.
Que conceitos são trabalhados e como?	Dentre eles, estão os conceitos de cultura, sociedade, economia e política. Segue uma linha de conceitos que parte da construção da história e vida, e o tempo. Seguindo a origem humana, contém um capítulo sobre o povo indígena e sociedades indígenas trabalhadas em duas folhas sendo um conteúdo raso. Os saberes indígenas e representatividade não estão aparentes. Os conteúdos dão mais ênfase na história europeia e geral.
Estabelece relações com os elementos do cotidiano do aluno (realidade social), permitindo a construção da cidadania? (Não basta apenas verificar, mas observar como essas relações são estabelecidas).	Não. Muitos dos temas abordados serão esquecidos pois estão distantes das realidades dos alunos.
Coerência entre a proposta metodológica anunciada e a executada através dos exercícios?	Tem coerência entre o conteúdo e exercícios.
Atividades requerem habilidades de compreensão ou memorização?	Compreensão sim.
Faz uso de textos complementares? (Observar como tais textos são explorados e se acrescenta outros elementos apresentados ao longo do capítulo)	Sim, alguns ficam distantes da proposta dependendo da dinâmica do professor (texto principal, imagens, citações)
Referência a diferentes fontes históricas (verificar sua presença e exploração)	Percorre várias partes da história humana, mas não são aprofundadas.
Faz uso de diferentes recursos visuais (Quais e como, as gravuras são meramente ilustrativas ou contribuem para a construção da compreensão)	O livro contém imagens, quadros explicativos, desenhos. Uma mistura de identidades visuais. Poderia ser mais organizado para melhor entendimento do leitor em relacionar imagem e texto.
Projeto gráfico (analisar sua qualidade e contribuição para a construção do conhecimento do aluno).	Capa: Traz gravura de um capacete que remete a Grécia Antiga. Título: Acaba sendo ignorado- não é atrativo Conteúdo: Mediano, poderia ser melhor trabalhado principalmente a história do Brasil, os povos originários existentes no país em seu território não focando somente em uma única tribo, trabalhar as comunidades quilombolas, trazer para o texto autores com lugar de fala, consciência e vivência da realidade. Dar autonomia ao educando durante as leituras e atividades. Deve haver representação.

Fonte: quadro sistematizado pela autora.

O livro analisado está sendo utilizado pelos alunos da rede municipal de ensino na cidade de Pariconha neste ano letivo 2023, os elementos apresentados ao longo do livro são representações básicas da história iniciando com a concepção da história social que se refere ao lado humanístico onde leva o educando a compreender o tempo na ao logo da vida.

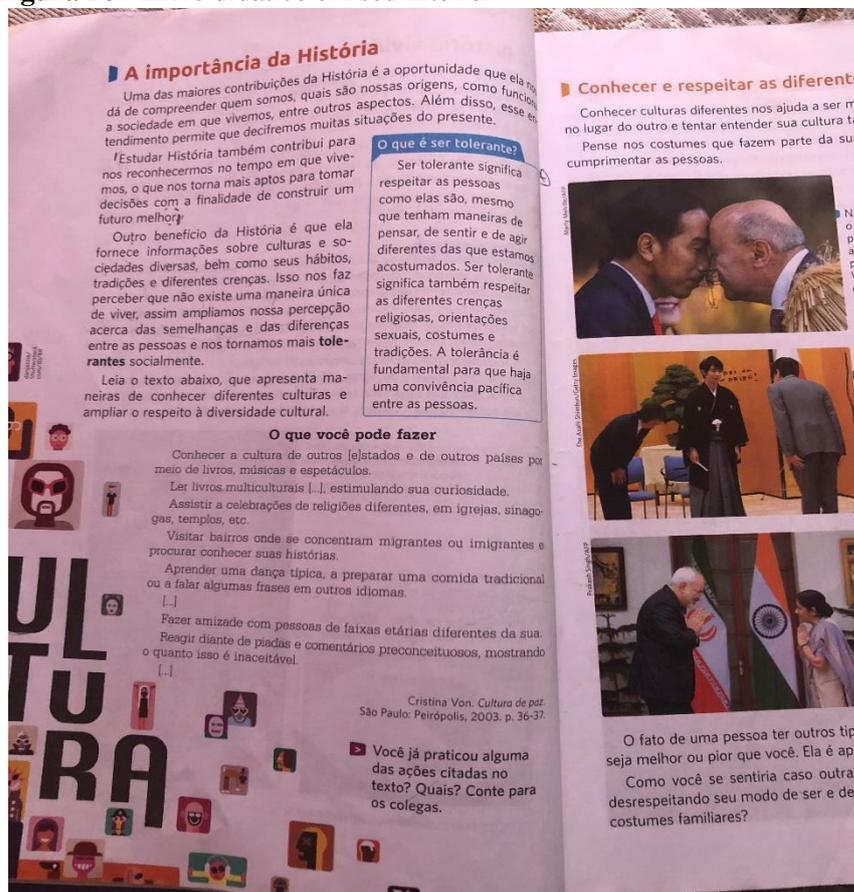
Figura 15 - Livro didático em seu interior com texto e imagens



Fonte: Acervo pessoal da autora 2023.

Estas são as imagens internas do livro didático analisado ao discorrer entre imagens e texto apresentado relacionam o indígena como um fragmento da história vivida, traz a margem da interpretação do aluno (a) durante a passagem deste conteúdo dando aos estereótipos a partir da construção de imagens do indígena como selvagem e primitivo.

Figura 16 - Livro didático em seu interior



Fonte: Acervo pessoal da autora 2023.

A representação cultural da história do Brasil é inexistente, desde o início é retratado a consciência de tempo histórico e tempo vivido, em algumas páginas é retratado indígenas de um estado e material como jarros fabricados por eles; ao decorrer dos textos e anexos suportes como (quadros textos secundários, imagens, desenhos e ilustrações) não levam ao usuário a reflexão.

Sendo relevante caracterizar dentro deste a diferença entre a representação social e representatividade dentro da educação indígena não são as mesmas coisas, principalmente quando se trata de conteúdos e materiais escolares onde o público alvo são indígenas pertencente a uma sociedade que ainda reprime e segrega aquilo que não faz parte do tradicionalismo já estruturado.

A representatividade obtida através de entidades que influenciam até mesmo politicamente os órgãos e meios educacionais tais como as escolas, gestores; estão nas mídias para representar politicamente os interesses de determinado grupo, classe social ou de um povo, portanto as estruturas podem ter grandes impactos para a sociedade. Mas a representação social

é importante, uma vez que o transmite na sociedade. A representação social é diferente da imagem, esta vista como um reflexo na consciência individual ou coletiva de um objeto ou feixe de ideias que lhes são exteriores, uma fotografia captada e alojada no cérebro, enquanto a representação social é ativa, porque modela e reconstrói o dado do exterior (MOSCOVICI, 1978).

Sendo a educação um direito básico na sociedade e comum para todos, o ensino dos indígenas, dos povos indígenas vem se complicando em meio às políticas, desde a criança em fase escolar ao longo do seu percurso educacional o indígena se depara com essa realidade pelos livros que não há representatividade em seu conteúdo; e em escolas não indígenas esses fatores acabam influenciando o enfraquecimento da identidade cultural das crianças. A falta de vivência dentro do território pode enfraquecer sua identidade, fato vivenciado pelos indígenas no Brasil, noticiado em meios de comunicação.

A construção dos livros didáticos, devem conter professores e membros indígenas, quilombolas que tragam a reflexão mediante as realidades existentes pois segundo a lei 11.645 de 10 março de 2008, que torna obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, para assim os alunos conheçam as lideranças, consumir produções de autores infantis indígenas, artistas e sua história, cultura e as lutas dos povos originários, sendo um assunto presente o ano inteiro não somente trabalhado em um único dia.

3.3 Livro didático Indígena ideal

O livro didático é uma ferramenta importante para a educação e agregada ao ensino diferenciado indígena serve como apoio pedagógico e representativo, pois ajuda a preservar e valorizar a cultura dos povos originários do Brasil, onde ultimamente a história das etnias é transcrita nos livros como se estivessem paradas no tempo e o ensino coerente da história indígena deve estar presente nas escolas.

Ao longo do percurso educativo alguns questionamentos se constroem e que servem para tratarmos dos povos indígenas, contudo como eles são tratados como se fossem todos iguais? Quais as imagens que são representadas são expostas à realidade? As línguas maternas e os termos ao se tratar dessas comunidades são utilizadas? A história abordada do Brasil

carrega uma grande carga de história, de gente e culturas, isso deveria ser levado em consideração.

Na sala de aula é o local onde a prática pedagógica é aplicada dia após dia pelos professores, que utiliza diversos métodos como suporte dentre eles sendo o livro didático o principal material de uso, por tanto para Boulos Júnior 2008, p. 11, grifo do autor definiu que:

(...) o livro didático em muitas línguas, sua produção elevada e sua circulação planetária são indícios da relevância desse objeto material nas mais variadas culturas e nos mais diferentes países do mundo.

Por tanto, a representação dos livros traz consigo uma identidade de cada povo, cultura e lugares do mundo, o qual utilizado ele é cada lugar em seu modo. No Brasil, o projeto idealizado pelo PNLD abordaria em seu no material didático junto a temática indígena com objetivos e pensamentos ideológicos que não se aplicam a realidade dos alunos.

Os livros didáticos em sua apresentação mencionam a reflexão diante os temas, mas pouco temos visto isso nas escolas, na educação indígena o uso de livros didáticos atualmente é quase irrelevante os professores preferem adaptar as atividades e conteúdos em sala, pois a representação indígena é minoritária e de um grupo único a partir disso surge a consciência que os indígenas estão parados no tempo.

Como não há uma representação justa e igualitária dos povos indígenas, tem-se a necessidade da produção pelos próprios professores e comunidade a exemplo da comunidade indígena Katokinn em Pariconha- Alagoas o material será voltado a esta comunidade específica e a sua realidade. Portanto, o que está sendo lecionado com o material distribuído mesmo com a lei, Lei 11.645/2008, não se amplia e se dispõe a mudança da visão de base eurocêntrica.

É notória a necessidade de livros específicos para a educação indígena, cada etnia traz consigo suas características próprias e heranças trazidas pelas ramificações ao longo do tempo, deve-se haver uma reflexão através desse trabalho educativo pois segundo Cavalcante 2011, p. 365 diz que:

Nos livros didáticos em geral, os indígenas figuram apenas nos capítulos que tratam da “pré-história” e do período da conquista do continente, contribuindo assim para a consolidação de uma visão fossilizada dos povos indígenas e para seu silenciamento nos demais períodos da história nacional.

No entanto, é necessário ter cuidado ao escolher os materiais didáticos, pois muitos deles apresentam uma visão eurocêntrica da história e cultura brasileira, ignorando as

contribuições dos povos indígenas, é válida a intencionalidade de criar materiais e o investimento pelo fomento de professores e comunidades na construção de obras literárias para combater este estereótipo visto a importância do livro didático o poder que ele tem de compartilhar e formar o aluno.

Por mais que saibamos que ele desperta conhecimento ambíguos nos professores e alunos para BITTENCOURT, 1993, p.1, é notável sua grande circulação e produção: “O livro de história é o guia mais importante da aula de história.” Assim como acreditamos na relevância desse material como auxiliador no trabalho do professor, pois ele chega a todos, deve ser acessível e de uso comum entre todos pois até mesmo sua validade é de anos.

Na Escola Juvino Henrique, o livro didático tem sido utilizado de forma alternativa como material de suporte em momentos específicos no ensino fundamental, de forma efetiva em alguns momentos durante o planejamento por se tratar de livros que não há dentro de seu conteúdo objetivos, conteúdos e representatividade da aldeia os livros mais utilizados na unidade são os não didáticos e material produzindo pelos próprios professores.

A unidade tem em seu planejamento uma criação de um livro didático para a aldeia ainda em 2023 dos povos indígenas que integram as escolas específicas: Jeripankó e Katokinn, em Pariconha; Koiupanká, em Inhapi; em comum esse projeto visa o desenvolvimento do livro para educação indígena, mas cada comunidade terá seus costumes, religiosidade, cultura e história retratada em suas páginas.

A necessidade de produções didáticas com suporte pedagógico é de grande valia na aldeia, pois a valorização e identificação afirmam que o povo Katokinn resiste e terá representação e apoio do PNLD nesta produção. Com produção de materiais didáticos a necessidade de adaptação das atividades para a realidade indígena poderá reduzir facilitando a aprendizagem.

A importância dessas criações para a educação diferenciada levará até mesmo aos não indígenas o conhecimento dos costumes da aldeia, contendo textos, imagens reais, atividades reflexivas aos contextos aplicados, agrega ao desenvolvimento da criança ao meio onde está inserida, como podemos ver a representação de alguns exemplares de livros produzidos por indígenas.

Figura 17 - Livros didáticos para educação escolar indígena



Fonte: Marcelli Damasceno, bolsista do projeto Observatório em educação do campo/floresta e indígena na região do médio Purus.

É perceptível que ao se deparar com o livro didático indígena sua intencionalidade é presente desde a sua capa, que conta com figuras características da comunidade, os saberes indígenas presentes trabalham os conteúdos curriculares pela visão indígena, pela natureza, identidade, a fauna e a cultura geradora desses saberes.

O livro didático para os povos originários deve conter a sonoridade indígena, por meio de suas conexões com o mundo com a extração consciente, sua produção de diferentes objetos para caça e pesca instrumentos musicais utilizados em rituais da aldeia. Apresentar aos alunos alguns desses elementos trará uma percepção que valorize a criatividade dos povos e da própria comunidade, desenvolvendo imagens, músicas, personalidades da aldeia e plantas, se possível, o próprio objeto de materiais.

Os assuntos abordados devem estar presentes na culinária a sua produção nos rituais, com isso trabalhar as palavras originadas pelos indígenas, atividades práticas apresentar o cotidiano vivido pelos povos indígenas algumas comidas típicas e que seja ofertada para os estudantes provarem os sabores. Por tanto, os textos e suas imagens assim como as atividades devem ser mais representativas e dinâmicas, com a história da variedade de povos existentes em nosso país e cada povo tem seus hábitos e costumes diferentes, e que fujam de atividades de colorir.

Os mitos e lendas indígenas desde a literatura infantil pois a história e as lendas indígenas da comunidade como a Katokinn como a do Nego d'água apresentada e gravada na memória de todos da comunidade por meio de rodas de conversa, as leituras são expostas e

ganharam mais visibilidade é uma forma de valorizar a cultura dos povos nativos, portanto, é importante pois cria-se o respeito à diversidade. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1996, garantiu o direito a uma educação multicultural, específica para cada grupo indígena, autodeterminada, intercultural e bilíngue.

3.4 Entrevista na Escola Estadual Indígena Juvino Henrique da Silva

Na Escola Indígena foi realizada uma entrevista com alguns membros do quadro escolar a fim de compreender as formas de utilização dos materiais utilizados no processo ensino-aprendizagem, os professores trabalham em equipe para selecionar e adaptar os livros e matérias, garantindo que eles sejam relevantes para a cultura e a realidade dos alunos.

As informações colhidas dessa abordagem são evidentes que os alunos da escola têm apresentado um bom desempenho acadêmico e estão cada vez mais engajados nas atividades escolares. Além disso, a escola vem sendo reconhecida pela qualidade do ensino oferecido aos estudantes indígenas, por todo esforço da equipe pedagógica.

O registro dessas conversas com membros da escola indígena serviu de maneira positiva para apresentar parte dessa diversidade e as necessidades pelos quais a escola, alunos e professores passam com relação aos principais materiais didáticos utilizados na sala durante a aula, os entrevistados informam que:

Entrevistado 1 relata que tem uma variação de cada professor, tem docente que trabalha uma parte lúdica, a partir do fundamental II, são os que mais utilizam os livros da escrita no quadro, no fundamental I é feita a construção de atividades fazem atividades dos livros e adaptam para realidade a cultura indígena. A partir de alguns projetos, por exemplo os jogos indígenas que antes são trabalhados em sala de aula, o uso de ervas medicinais.

Entrevistado 2, diz que depende da metodologia que será aplicada, mais de forma prioritária utiliza-se do pincel e do quadro, quando há aulão, usa o aparelho de tv, Pendrive, Data Show, sempre que pode usa para sempre diferenciar as aulas, usa os livros didáticos de 6º e 7º ano, material impresso, dependendo do contexto da aula usa e articula a produção de material.

O material norteador durante a aula entre professores e alunos de uso comum na educação diferenciada indígena entrevistado 1 diz que todos os professores trabalham com base

na Base Nacional Comum Curricular- BNCC, adaptando-a mas usam também os celulares com os alunos.

Para o entrevistado 2 depende da metodologia aplicada, os estudantes podem usar por meio de dinâmicas na lousa de forma avaliativa para ver suas dificuldades tirar dúvidas e quebrar a timidez, não fazendo diferença entre os alunos sempre os estimados, tem o livro didático 6º e 7º ano fundamental 2. Tem poucos livros disponíveis na escola, tem mesmo o livro do professor no qual usa como norteador do conteúdo, sendo necessária a impressão das atividades.

Em relação ao livro didático representar a cultura e a identidade dentro dos livros utilizados hoje em dia, o entrevistado 1 informa que não, em relação a cultura indígena não tem nada, geralmente encontramos nos livros que falam sobre indígenas do Sul, Amazonas

Entrevistado 2 concorda, não representa totalmente, mas é um ponto de partida do professor usar o livro didático pois é muito importante, é muito bom para ter noção para que o estudante tem que iniciar, aprofundar e consolidar durante o ano letivo em seus conhecimentos. Porém, tem a necessidade de adaptação pois hoje nas escolas indígenas diferenciadas o público é em pequena quantidade, heterogeneidade que são as diferenças de saberes, domínios, dificuldades e proatividade dos alunos.

Em seguida complementa que partindo disto tem-se a facilidade de identificar e sanar qualquer coisa se tratando de dificuldades escolares, porém o livro didático visto a necessidade não vai tirar dele e passar diretamente ao aluno, pois é dever do professor trabalhar fazendo uma ponte ao educando, selecionando bem conteúdo. Mesmo assim o livro didático faz falta, por ter conteúdos extensos e nem sempre na escola terá acesso a impressões, ele é importante mas necessita de mudanças de complexidade dos assuntos.

As necessidades presentes nas escolas diferenciadas e que fazem uso dos materiais os professores desejam acrescentar nos livros didáticos ultimamente visando sua utilidade dentro das escolas;

Entrevistado 1 diz que para o seu uso na escola diferenciada deveria mudar por completo, no caso criar um do zero pois não traz nada da realidade.

Entrevistado 2 Como profissional da educação indígena com foco no ensino diferenciado, acrescentaria mais conteúdos voltado a cultura indígena, os professores da escola estamos construindo de acordo com cada identidade cada comunidade e etnia, porem tem uma base geral sabemos disso, cultural onde poderia constar nos livros, neles poderiam e deveriam

ter atividades de fácil desenvolvimento, de fácil acesso a todos, pois nem todos tem acesso a internet e muitas vezes tem que agregar isso criando e buscando novos meios de educar.

O conteúdo hoje nos livros não tem dicas e atividades e situações que não são voltadas a realidade da escola diferenciada, vivências as escolas indígenas não trabalham somente com a formação do indivíduo para ler e escrever para a sociedade, mas também busca focar na vivência na identidade costumes como professora desejo que tenha isso nos livros.

Diante disso, a frequência onde os professores utilizam os livros didáticos se torna esporádica diante da necessidade do planejamento escolar e planos de aula, o entrevistado 1 fala que tem professor que usa mais como no fundamental II, já na educação infantil não tem livros, portanto os professores têm que produzir seus próprios materiais. O entrevistado 2 relata:

“Tento seguir uma rotina, uma sequência; porém quando tem um projeto na escola saímos um pouco dessa rotina, não uso o livro didático sempre, faço questão de trabalhar o domínio da escrita pois prefiro o desenvolvimento na lousa acredito que essa relação não acabará. Pois é essencial, não uso muito os livros didáticos busco diante do contexto, quando uso busco sempre agregar uma atividade encima dele, aplico os textos conteúdos, mas as atividades e desenvolvimento a seguir é feito uma aula de campo, busco um filme, não utilizo sempre vou diversificando semana a semana”.

Verifica-se a importância das práxis dentro da sala e sua relação entre professor e aluno, o livro didático tem seu papel importante na sala de aula como facilitador do ensino, mas que não substitui o método educacional do professor que precisa desenvolver os conteúdos entre todos.

Atenta-se que hoje em dia é preciso verificar se há algo errado nos livros didáticos, no momento da escolha desse material como o nível de assunto complexo, ideologia, edição, divisão de atividades para o entrevistado 1 “atualmente como não pego nos livros, mas já verifiquei erros ortográficos em atividades, gabarito errado”. Segundo a autora diz que:

Ao analisar os livros História Sociedade & Cidadania, manual do professor e livro do aluno, 6º e 7º anos em duas edições 2012 e 2015, percebeu-se as limitações do material. Nos livros, a dificuldade em criar a ideia de diversidade dos povos indígenas, a persistente construção de imagens idílicas, ligadas à natureza, a falta de diálogo com as sociedades contemporâneas, ausência dos conflitos atuais com a sociedade não índia, a concentração de etnias do Norte e Centro Oeste do país e a linearização dos conteúdos. (JATOBÁ, 2018, p. 180)

Segundo o entrevistado 2 fala que “não verifiquei, mesmo porque os livros são feitos por profissionais que sabem o que estão desenvolvendo, por isso é feita a escolha de livros no qual eles mandam amostras de livros e assim os professores escolhem os modelos de forma

avaliativo, tem conteúdos que são muito resumidos e pouco se tem conteúdos que levem a realidade indígena,

“Tenho livros antigos de 2016, 2018, 2019 que para mim são relíquias, mesmo não usando com frequência, com relação a diretrizes, habilidades e as competências os escritores já colocam a BNCC nos livros didáticos hoje, antes não era tão presente hoje os livros tem tudo isso, hoje já conta com os códigos com a referência as habilidades e competências que facilitam o planejamento, entretanto os livros antigos a linguagem é mais clara, de fácil entendimento. Os de hoje tem seus conteúdos resumidos demais, acaba que eu crio a ponte entre os livros antigos e os novos”.

Então o que a escola pode esperar ao encontrar os conteúdos em um livro didático indígena? Para o entrevistado 1 comenta que deseja encontrar um livro didático que fale sobre a cultura de cada povo, pois cada um tem a sua específica, que traga os conteúdos que eles devem aprender para o mundo do trabalho, mas que não fuja da realidade e conhecimento deles.

Entrevistado 2 diz que: Buscaria e espera encontrar os conhecimentos da cultura, ancestralidade as vivências com a natureza, sua riqueza onde os indígenas sabem disso mas passa para muitas pessoas por despercebido, principalmente, as lutas, conquistas de forma que os ensinamentos possam ser passados como forma de aprendizado, que seja algo a mais não somente algo particular dos indígenas pois isso deve ser visto pois a luta é de todos. E acrescenta “eu busco encontrar conteúdos para essa aplicação principalmente para aulas práticas com a natureza e o contato com a vivência, ou seja, trabalhar o todo, mas também a particularidade da comunidade, estamos fazendo projetos para que isso seja real”.

A partir disso surgem com o tempo dificuldades para encontrar material para aulas e a necessidade de produção de novas metodologias de ensino surgem para agregar aos já existentes; pois para o entrevistado 1 comenta que se busca na internet são poucos os materiais didáticos encontrados voltados a educação diferenciada, até porque cada uma tem a sua especificidade para colaborar temos um professor de cultura que ajuda e auxilia na busca de construir seus próprios materiais.

A temática indígena ocupa pouco espaço mesmo sendo registrado nos documentos que norteiam as normas da educação, a cultura afrodescendente e indígenas ainda representadas como algo estático e presa no tempo ou estereotipado das atividades. Entrevistado 2 não tem dificuldade, pois reaproveita os materiais de acordo com a aula para fazer uma espécie de reciclagem e rotatividade dos materiais.

Percebe-se que as habilidades que o estudante poderá desenvolver que envolve a questão dos indígenas nos livros é inexistente, sabendo disso a Base Nacional Comum Curricular diz que:

(EM13CHS601) identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes (incluindo os quilombolas) no Brasil contemporâneo considerando a história das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades étnico-raciais no país. (BRASIL, 2017, p. 579)

A possibilidade que os alunos tenham as mesmas oportunidades de aprender a cultura e as demais é fundamental, pois diminuindo a desigualdade de aprendizagem e trazendo a inclusão desses grupos influenciará não somente a educação local, mas vida pessoal do educando.

O objeto material que tem a possibilidade de agregar a cultura de forma geral é o livro para Bittencourt, 1993 e é uma mercadoria, além de possuir valores ideológicos, culturais, dentre tantos outros. Entretanto, a abordagem ao analisar os conteúdos com foco na temática indígena nas obras selecionadas é preciso a reflexão dos objetivos do que será ensinado.

Com o apoio do material didático, você pode orientar os (as) estudantes a refletirem sobre seu presente com base nos estudos do passado, a compreender as mudanças, as permanências e as especificidades das questões sociais de seu tempo, a enfrentar com equilíbrio os desafios propostos em sala de aula e fora dela. Da mesma forma, pode estimular a criatividade, o livre-arbítrio, o diálogo necessário para a resolução de conflitos, formando cidadãos dispostos (as) a construir uma sociedade menos desigual, mais justa e ética. (BRASIL, PNLD 2020 – História, 2019, p. 8)

Portanto, os professores têm uma posição privilegiada na difusão dos conhecimentos, mas ainda precisa analisar as práticas pedagógicas, com o objetivo de contribuir com novas formas de ensino de história e o ensino da cultura dentro da educação diferenciada que saia do eurocentrismo e da visão distorcida da realidade da comunidade indígena assim valorize suas raízes, através de aulas que abordem a diversidade, que possam ir além do ambiente escolar, trabalhando temas como ervas medicinais, música, dança, ritual e tradições os livros podem guardar a história e serem usados pedagogicamente para transformar os conteúdos ao mesmo tempo que unem a todos.

4 - CONSIDERAÇÕES GERAIS DO TRABALHO ACADÊMICO

Compreendemos que a representação dos povos indígenas no livro didático é ainda um assunto que necessita de debates e um melhor desenvolvimento em diferentes segmentos dos livros, sendo então uma discussão relevante para a sociedade e comunidades indígenas pois acabam contribuindo para a educação e equidade social, racial no Brasil.

No geral percebe-se que as comunidades indígenas espalhadas por várias localidades carregam consigo características específicas e importantes da história do Brasil, mas que aparecerem em sua maioria no tempo passado, e os livros didáticos carregam consigo um importante dever na divulgação desse conteúdo sendo um dos principais materiais didáticos utilizados dentro das salas de aula pelos professores e alunos.

Sobretudo, sua utilização na educação diferenciada numa escola indígena em Pariconha Alagoas, onde a existência de um livro específico direcionado ao ensino indígena é ainda inexistente; contendo poucas unidades para os alunos dos livros escolhidos e enviados pelo programa PNLD do ministério da educação- MEC ainda é uma ponte entre eles.

Realizada a análise do livro didático de história disponível este ano para os alunos do ensino fundamental, as representações dos povos indígenas no livro didático em seus aspectos estruturais contam com texto e atividades que não abordam de forma crítica e reflexiva as questões indigenistas por retratar somente o estereótipo de um comunidade indígena localizada em uma única parte do país, suas contribuições com as práticas pedagógicas na perspectiva do educar e de tornar a escola inclusiva, respeitando história e cultura indígena resta em registro legais.

Entretanto, sua utilização julga-se necessária mediante a entrevistas com articuladores da escola a sua atualização ou produção desde o início voltada às questões e representação indígenas é importante para a valorização do povo e sua representatividade social e educacional dos indígenas.

Portanto, foi constatado que os livros didáticos ainda não contêm de maneira efetiva o exercício de caráter da Lei 11.645/2008, onde prevê o compromisso de fornecer a inclusão de todas as etnias, cultura o ensino de qualidade, deve-se a isto a falta de engajamento político para a informação coerente, isso faz com que os indígenas não surjam como agentes ativos da nossa história surge a necessidade de formação dos profissionais indígenas para suscitar novos projetos e produções específicas para as comunidades indígenas.

O livro didático indígena surge ainda como um projeto distante entre comunidades da região do alto sertão alagoano, pois ainda é como um dos principais instrumentos onde os professores utilizam para ministrar as aulas, será de ótima utilidade pois contará com o olhar cultural e pedagógico e fomentar os alunos a encontrarem significado durante o processo de ensino e aprendizagem.

O acesso aos materiais didáticos específicos a sua cultura possibilita aos alunos o fortalecimento de suas raízes ancestrais além da reafirmação cultural, além de contribuir efetivamente na metodologia de ensino abordada pelos professores, na organização pedagógica culminando na obtenção do ensino e da aprendizagem significativa.

É necessário e de grande importância a compreensão do docente para analisar as ilustrações que aparecem nos livros e seus conteúdos, sua utilização dentro da escola diferenciada hoje é a oportunidade para os educadores trabalharem com os educandos indígenas nas aldeias, considerando as atividades pautadas no cotidiano da identidade desses alunos.

A mediação das atividades didáticas com temáticas relacionadas às vivências da comunidade torna a educação diferenciada dos indígenas os sujeitos, agentes ativos dos saberes tradicionais tanto como na alfabetização, o livro didático ainda é muito importante na realidade da educação fundamental na formação da cidadania dos estudantes.

É de grande importância que cada comunidade tenha seus livros elaborados pelos próprios professores indígenas, organizado e idealizado com a colaboração de todos os membros da aldeia, pois este material tem na sua natureza inédita e importantes de fortalecimento na educação indígena permitindo que os alunos tenham acesso ao conteúdo específico e relevantes para sua cultura e realidade. Apesar dos desafios na seleção e adaptação dos livros hoje utilizados, a experiência da Escola Estadual Indígena Juvino Henrique da Silva mostra que é possível utilizar e adaptar os conteúdos dos livros didáticos de forma efetiva no processo de ensino-aprendizagem.

Por fim, a educação indígena e a utilização do livro didático anda juntas e apresenta o grau de dificuldade ainda maior pela especificidade de atendimento a aldeia onde a escola está inserida, fazendo necessário o uso de material e específica a público indígena que represente o grupo étnico, onde aborde todas as informações a medida de série, ano letivo e desenvolvimento do aluno indígena é válido o investimento e um olhar atento a educação diferenciada, pois existe os povos originários, a comunidade, a história, saberes e estes elementos devem ser celebrados e registrados na memória e na aprendizagem dos alunos da aldeia Katokinn.

REFERÊNCIAS

ALVARES, Myriam Martins Kitoko Maxakah a criança indígena e os processos de formação, aprendizado e escolarização antropológicas Recife n. 15 p. 49 79 2005.

ARCANJO, F.; HANASHIRO, M. A História da Educação no Brasil. Biblioteca24horas. 1ª edição, São Paulo - SP, 2010. Disponível em: <https://books.google.com.br/books>. Acesso em 06 de setembro de 2021.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, 05 de outubro de 1988.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996. BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Secretaria de Educação fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRAND, Antonio. O impacto da perda da terra sobre a tradição kaiowá/guarani: os difíceis caminhos da Palavra. Tese de Doutorado em História - PUCRS, Porto Alegre, 1997.

BERGAMASCHI, M. A.; MEDEIROS, J. S. História, memória e tradição na educação escolar indígena: o caso de uma escola Kaingang. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 30, nº 60, p. 55-75 – 2010. Acesso em 16 de dezembro de 2021.

BETTIOL, Célia Aparecida. LEITE, Yoshie Ussami Ferrari. A formação de professores indígenas no contexto educacional brasileiro: Um olhar sobre os documentos legais. ISSN 2176 – 1396.

BITTENCOURT, C. M. F.; DA SILVA, A. C. Educação indígena no Brasil à margem dos 500 anos: reflexões irreverentes, n. 7, p. 63, 2002. Acesso em 21/12/2022

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. História sociedade & cidadania: 60 ano: ensino fundamental, anos finais. 4. ed. São Paulo: FTD, 2018.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar**. 1993. Tese (Doutorado). São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 1993.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. História sociedade & cidadania: 60 ano: ensino fundamental, anos finais. 4. ed. São Paulo: FTD, 2018.

CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. Colonialismo, território e territorialidade: a luta pela terra dos Guarani e Kaiowa em Mato Grosso do Sul. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2013.

COHN, Clarice. Educação escolar indígena: para uma discussão de cultura, criança e cidadania ativa. PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 23, n. 02, p. 485-515, jul. /dez. 2005.

Congresso Brasileiro de Qualidade na Educação: formação de professores: educação indígena. / Marilda Almeida Marfan (Organizadora). __ Brasília: MEC, SEF, 2002. 204 p. : il. ; v.4.

Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. 562p. ISBN: 978-857783-136-4 Educação Básica. Diretrizes Curriculares.

FACCI, Marilda G. D. Vygotski e o processo ensino-aprendizagem: a formação de conceitos. In: MENDONÇA, S. G. de L.; MILLER, S. (Org.). Vygotsky e a escola atual: fundamentos teóricos e implicações pedagógicas. Araraquara: Junqueira & Marin, 2006.

FACHIN, Odília. Fundamentos de metodologia. Odília Fachin, 5 ed.[ver] – São Paulo: Saraiva, 2006.

GOMES, Cláudia Aparecida Valderramas. O afetivo para a psicologia histórico-cultural: considerações sobre o papel da educação escolar. 2008. 170 f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/102219>>.

GRUPIONI, Luiz Donisete Benzi. Em Aberto / Experiências e Desafios na Formação de Professores Indígenas no Brasil. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. v. 1, n. 1, (nov. 1981-). – Brasília: O Instituto, 1981- . Em Aberto, Brasília, v. 20, n. 76, p. 3-5, fev. 2003.

JATOBÁ, Eliane da Silva. Ensinando história e culturas indígenas nos anos finais do ensino fundamental. 2018. Dissertação (Mestrado) - UEM, 2018.

LAJOLO, M. Livro didático: um (quase) manual de usuário. Em Aberto, Brasília, ano.16, n.69, jan./mar.1996.

MILLER, S. (Org.). Vygotsky e a escola atual: fundamentos teóricos e implicações pedagógicas. Araraquara: Junqueira & Marin, 2006.

MOSCOVICI, Serge. A representação social da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar. 1978.

PONCE, Branca Jurema. A educação em valores no currículo escolar / Branca Jurema Ponce org. – Revista e-curriculum, São Paulo v.5 n.1 Dez 2009.

QUAESTIO, Sorocaba. A história da educação e do currículo escolar / Sorocaba Quaestio org. – SP, v.10, n. 1/2, p. 35-40, maio/nov. 2008.

QUARESMA, Francinete de Jesus Pantoja. FERREIRA, Marília de Nazaré de Oliveira. Os povos indígenas e a educação. Revista Práticas de Linguagem. v. 3, n. 2, jul./dez. 2013.

Referencial curricular nacional para as escolas indígenas / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

SANTOS, Jonise Nunes. PAIVA, Nataliana de Souza. MENEZES, Anna Karen Alves. SEFFAIR, Pricilla Maciel. CARVALHO, Priscila Curico de. Formação de Professores indígenas e Políticas Públicas Específicas. 2015.

SILVA, Ana Célia da. **A representação social do negro no livro didático: o que mudou? Por que mudou?**. Edufba, 2011.

SILVA, Lorraine Gomes da. LIMA, Sélvia Carneiro da. Desafios da formação de professores indígenas no Brasil: contribuições geográficas. *Revista Interface*, Edição nº 11, maio de 2016 – p. 89-104.

SILVA, Ezequiel Teodoro Livro didático: do ritual de passagem à ultrapassagem. In. Em Aberto – O livro didático e qualidade de ensino. Brasília: INEP, nº 69, ano 16, jan./fev., 1996. SAVIANI, Demerval. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. Campinas-SP: Autores Associados, 2007.

SILVA, Ezequiel Teodoro Livro didático: do ritual de passagem à ultrapassagem. In. Em Aberto – O livro didático e qualidade de ensino. Brasília: INEP, nº 69, ano 16, jan./fev., 1996.

SILVA, Tailde Correia da. A gestão democrática em uma escola indígena. 2020. 120 f. Trabalho de conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Unidade Delmiro Gouveia-Campus do Sertão, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2020.

SIMAS, Hellen Cristina Picanço. PEREIRA, Regina Celi Mendes. Desafios da educação escolar indígena. *Revista escrita*, Gávea/RJ, nº 11, 2010.

SOUZA, Selma Maria Ferreira de. **Saberes docentes, saberes indígenas: Um estudo de caso sobre o ensino de ciências entre o povo xukuru do ororubá**. Recife, fevereiro, 2008.

TASSINARI, M. I. A educação escolar indígena no contexto da antropologia brasileira. *Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 217–244, 2008. DOI: 10.5007/2175-8034.2008v10n1p217. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2008v10n1p217>.

YOUNG, Michael. Teoria do currículo: o que é e por que é importante. *Cadernos de Pesquisa* v.44 n.151 p.190-202 jan./mar. 2014.